Historia da Geographia

A EPOPEIA GEOGRAPHICA DOS PORTUGUEZES

Durante os seculos XV e XVI

POR

ACACIO DA SILVA PEREIRA GUIMARÃES

Bacharel formado em medicina
pela Universidade de Coimbra, Professor proprietario de Geographia e Historia
no Lyceu de Lisboa,
socio ordinario da Sociedade de Geographia de Lisboa,
socio correspondente da Real Associação dos Architectos Civis
e Archeologos Portuguezes, etc.. etc., etc.

LISBOA
—
TYPOGRAPHIA DE «A EDITORA»
Largo do Conde Barão, 50
—
1904

A doutrina da esferoicidade
da terra - pgs. 8
A divisão da terra em 5 zonas - pgs. 9
O conhecimento da geografia - pgs. 11-12
A teoria de Bedo - pgs. 16
A influencia da Egreja - pgs. 17

Historia da Geographia

A EPOPEIA GEOGRAPHICA DOS PORTUGUEZES

Durante os seculos XV e XVI

POR

ACACIO DA SILVA PEREIRA GUIMARÃES

Bacharel formado em medicina
pela Universidade de Coimbra, Professor proprietario de Geographia e Historia
no Lyceu de Lisboa,
socio ordinario da Sociedade de Geographia de Lisboa,
socio correspondente da Real Associação dos Architectos Civis
e Archeologos Portuguezes, etc., etc., etc.

LISBOA
—
TYPOGRAPHIA DE «A EDITORA»
Largo do Conde Barão, 50
—
1904

RC
MNCT
91
GUI

Levou seculos a descoberta da Terra.

Desde o despontar das civilisações até á hora actual, o homem, na sua ancia legitima de conhecer o planeta que habita, viajou, sondou, perscrutou e ainda não conseguiu desvendar os mysterios de todos os continentes e os segredos de todos os mares. Houve porém uma epocha em que a sua phantasia, sobreexcitada, creou lendas e mêdos e forjou obstaculos que, por serem imaginarios, nem por isso deixaram de constituir um serio embaraço ao desenvolvimento dos progressos geographicos. Durante muito tempo, a edade media, espavorida pelos terrores do Mar Tenebroso, não ousara affrontar o terrivel Bojador, o Cabo que Deus, ao organisar o Mundo, tinha posto como sentinella vigilante encarregada de vedar o accesso das regiões interdictas ao conhecimento humano.

Na scena da Historia apparecera entretanto um povo, humilde pela pequena porção de territorio que para si conquistara, mas grande pela energia da sua vontade e pelo esforço do seu coração. Sonhador e audaz, aventuroso e crente, realisou a maior empreza geographica conhecida; e, porque desfez as lendas e subjugou os mares, porque poz em contacto as nações cultas do acanhado Mundo antigo com a

enorme multidão das raças ainda ignorantes e ignoradas da quasi totalidade do orbe, foi o grande missionario da luz e o obreiro mais gigantesco da civilisação moderna.

Vamos contar, a largos traços, essa epopeia que começa pelos trabalhos maritimos do Infante D. Henrique e termina com a viagem de Magalhães. Importa porém, para se lhe medir bem o alcance, fazer uma resenha previa dos conhecimentos geographicos possuidos pela antiguidade classica e pela civilisação medieval.

Tal é o objecto do nosso trabalho.

CAPITULO I

Os conhecimentos geographicos dos povos antigos

Embora os Phenicios, nas suas aventurosas viagens commerciaes, tivessem reconhecido quasi todas as costas do Mediterraneo e uma boa parte das da Europa occidental debruçadas sobre o Atlantico, embora os Egypcios tentassem explorar o Sudão e todo o valle do Nilo e os Assyrios e Persas se expandissem por uma larga zona da Asia Anterior até ás correntes do Indo e Iaxartes, pode dizer-se que, de toda a antiguidade, só os Gregos merecem as honras de primeiros geographos, porque só elles erigiram em systema os conhecimentos da geographia, escrevendo verdadeiros tratados d'essa sciencia e procurando representar a superficie terrestre por cartas baseadas em principios mathematicos. Anaximandro de Mileto, Eudoxio de Cnido, Pithéas de Marselha, Dicearco de Messina, foram os mais antigos auctores de cartas acompanhadas de texto descriptivo; e o celebre Hipparco de Nicea, cujos trabalhos se-

guiram logo os de Eratosthenes — o verdadeiro creador da geographia mathematica, inventou a projecção stereographica ainda hoje usada, com pequenas modificações, em muitas cartas modernas. Posteriormente, o tratado de geographia descriptiva de Strabão e a obra, em cartas e quadros, de Ptolomeu affirmam a actividade do genio grego empenhando-se em conhecer a superficie da Terra.

Pelo que diz respeito aos romanos, o seu interesse pela geographia só principia a manifestar-se durante a epocha imperial. É porém differente o caracter dos seus conhecimentos geographicos, quando os comparamos com os dos gregos. Emquanto estes, impulsionados pelo seu amor ingenito da sciencia, procuravam, por mero prazer intellectual, descobrir o enigma terrestre, os primeiros, dominados pela sua caracteristica ethnica — o utilitarismo, limitaram as suas aspirações geographicas ao conhecimento pratico da Terra, ou, melhor dizendo, ao conhecimento quasi exclusivo das regiões e das raças sobre que esvoaçava altivamente a aguia imperial. Theoricamente, pois, os livros de Pomponio Méla e de Plinio reduzem-se a simples compilações dos conhecimentos gregos; e o que avulta na obra geographica dos romanos são as indicações de interesse immediato sobre o numero das vias romanas, sobre as distancias

das estações d'essas vias, sobre as regiões do imperio, sobre os caracteres dos seus habitantes, etc. Dão exemplo d'isso a grande carta terrestre publicada em Roma no tempo de Augusto, da qual existe uma copia manuscripta do anno de 1264 na bibliotheca de Vienna, e o «Itinerario de Antonino» que data do anno de 333.

É curioso tambem observar que, n'essa egoista geographia do «Orbis romanus», tudo se dispõe com harmonia em volta de Roma. No centro, o coração do Mundo, a *Urbs* soberana, em redor da qual irradiam, vivendo da vida central, os pequenos corações secundarios das povoações de todo o Imperio, construidas á semelhança da Capital; para alem dos limites imperiaes, as terras dos barbaros, mais ou menos minuciosamente descriptas conforme o grau de influxo recebido da civilisação romana; e depois, para lá dos barbaros, as terras ignotas e vagas, sem interesse pratico, que o trabalho da imaginação ás soltas, nos seus raros momentos de actividade, se entretinha a povoar de lendas e de mythos, de raças inverosimeis e de creações phantasticas.

Comprehende-se portanto que o systema utilatario e falso da geographia romana, ordenando o mundo inteiro em relação a uma unica cidade, cahisse rapidamente perante a irrupção

dos barbaros. Durante toda a edade media, prevaleceram as doutrinas gregas na esphera da geographia. Antes porem de seguirmos o longo trabalho de elaboração d'esses seculos chamados de trevas, mas necessarios ao desenvolvimento da sciencia moderna, necessitamos primeiro, para fixar ideias, examinar até que ponto chegaram as noções geographicas de toda a antiguidade classica.

No espirito philosophico dos gregos, o primeiro problema que deveria surgir era o da forma da Terra. Posta em breve de lado a theoria homerica de assentar a Terra em bases solidas e de ter a forma de um disco envolvido pelo rio Oceano, visto que a essa concepção se oppunham as observações mais elementares dos phenomenos astronomicos, não tardou a acceitar-se a sua existencia livre no espaço, embora continuasse a considerar-se o centro do Universo. A doutrina da esphericidade terrestre foi mesmo sustentada por Ptolomeu, Platão, Aristoteles, Eratosthenes, Hipparcho e Strabão; mas, como essa doutrina se baseava em simples conjecturas sem a sancção da experiencia e da observação, não admira tambem que outros seguissem a opinião de Thales que suppunha a Terra ovoide, a de Possidonio que a considerava um elipsoide alongado terminando em duas pontas muito agudas, a de Pomponio Méla que a fazia

achatada e a de outros ainda que lhe davam a forma de um quadrilongo e até a de chlamyde á parte habitada pelos humanos.

Se profundas eram as divergencias com relação á forma da Terra, divergencias que veremos ainda mais accentuadas nas opiniões dos geographos medievaes, outro tanto não succedia a respeito das zonas habitaveis da Terra. Ahi reinava como soberana a theoria de Ptolomeu admittindo que o Sol, em cada periodo de vinte e quatro horas, descrevia, em torno da Terra, um circulo perfeito que se confundia com o circulo zodiacal parallelo á zona torrida.

D'esta noção fundamental derivava como legitima consequencia a divisão da Terra em cinco zonas: duas glaciaes onde o frio paralysava as manifestações vitaes, a zona torrida onde tambem a vida era incompativel com o excesso de calor e as duas zonas temperadas, moderadamente aquecidas pelos raios solares, as unicas destinadas a serem o *habitat* natural das especies vegetaes, animaes, e do proprio homem.

As duas zonas temperadas constituiam portanto o *aecumene* (ou terra habitada) separadas pela região abrasada do equador e das quaes a primeira, a do norte, era o dominio dos povos conhecidos e a segunda, a do sul, a inaccessivel terra *antichtona* ou *alter orbis*, se achava talvez

povoada de animaes differentes e de homens de outra especie.

Nas proximidades da zona torrida, formada, na opinião de alguns, pela união das aguas do Atlantico com as do Oceano Indico que completavam d'este modo a cintura maritima da ilha da Africa, o augmento gradual do calor, actuando sobre os organismos, gerava monstros formidaveis; e estes seres de formas estranhas e proporções gigantescas levantavam o primeiro obstaculo onde iria quebrar-se a audacia dos malaventurados que tentassem devassar o mysterio tentador opposto pela divina vontade á curiosidade humana.

Taes eram as ideias dos antigos sobre a constituição da Terra; resta-nos agora indicar quaes as regiões conhecidas da zona habitada, ao tempo da queda do imperio do Occidente.

A conquista romana, alastrando por quasi todo o mundo antigo, apenas esbarrou impotente contra as grandes barreiras naturaes; raras vezes porém teve de chocar-se com o grande affluxo das tribus barbaras hostis, as quaes se accumulavam em determinados pontos que assim constituiam as poucas fronteiras politicas. Por forma que o dominio geographico do saber antigo coincidia com os limites da esphera de influencia de Roma e das regiões immediamente circumjacentes.

Para alem das regiões hyperboreas, das ignoradas costas do Atlantico oriental, das areias do Grande Deserto, dos planaltos da Asia Central e da extensão indefinida das steppes da Sarmatia e da Scythia, a geographia era incerta e vaga, porque tambem o interesse scientifico desapparecia, quando se calava o interesse commercial.

Ao norte, só era bem conhecida, de todo o archipelago Britannico, a porção trilhada pelas legiões; vagamente, as Orcades, visitadas pelas armadas; e dum modo mais obscuro, a incerta Thule que uns querem que fosse a Irlanda, outros a Noruega e outros ainda o archipelago de Shetland. Dos outros paizes septentrionaes, havia a noção confusa da ilha de Scandia, pela qual os mercadores designavam umas vezes as ilhas dinamarquezas e outras a peninsula da Suecia. Mais para o norte, o tenebroso Baltico, mar livre coberto de brumas, terminando a occidente a região hyperborea dilatada até os Uraes e onde viviam homens com pés de cavallo e outros cujas orelhas enormes lhe cobriam o corpo.

A occidente estendia-se a vastidão infinita do Atlantico; e, se das navegações phenicias tinha ficado na alma popular a lembrança d'esse archipelago paradisiaco das Canarias ou ilhas Afortunadas, é certo que a tradição fabulosa ou

verdadeira do periplo de Hanon não despertara o desejo de reconhecer a verdadeira direcção da costa occidental do continente africano para lá das Columnas de Hercules.

Do interior da Africa corriam as noticias indecisas dos poucos mercadores que tinham penetrado até á Lybia interna, atravez do Grande Deserto. Alguns tinham chegado até ao Niger que durante algum tempo foi considerado como uma das fontes do Nilo. Este ultimo rio era um pouco mais conhecido e já se fallava nas suas nascentes originadas de lagos interiores alimentados pela fusão das neves das montanhas da Lua. Os mercadores arabes e gregos, descendo ao longo da costa oriental, tinham trazido informações da Azania ou Somal e da ilha de Zanzibar.

Para o sul, confinando com a zona inhabitavel, dilatava-se a Africa mysteriosa, povoada de uma fauna de monstros, gigantes de doze cubitos de altura, anões microscopicos, raças disformes, animaes phantasticos; e de uma flora não menos extravagante, filha dos sonhos doentios da humanidade ainda envolvida na atmosphera crepuscular dos mythos.

Para oriente ficava a Asia, só conhecida internamente até ao massiço do monte Imaus. A expedição de Alexandre tinha sido a principal origem das informações relativas ao con-

tinente, porque do littoral asiatico, as navegações dos negociantes de Alexandria, seguindo pelo mar Roxo e attingindo a Taprobana, traziam noticias seguras da maravilhosa India onde corriam rios de pedras preciosas e d'onde se transportavam as especiarias pagas a preços fabulosos nos mercados do occidente.

O resto do contorno da costa meridional, desde a foz do Ganges até á peninsula da Indo-China, achava-se confusamente esboçado nas cartas do tempo: e só da parte septentrional da China ou Serica havia algumas indistinctas noções resultantes do commercio da seda que a crença popular suppunha ser a lã vegetal segregada pelas folhas das arvores d'esse paiz de esplendores.

Quasi todo este saber composto de verdades e erros, de realidades e fabulas se afundou no mar da ignorancia que submergiu a Europa nos primeiros seculos das invasões barbaras.

Durante esse conflicto entre a civilisação antiga que desabava e as gentes novas que vinham construir as modernas sociedades, ainda a vida monastica não tinha attingido o desenvolvimento que, mais tarde, fez dos conventos os centros intellectuaes onde bruxoleava o tenue clarão das lettras e das sciencias.

Da grande catastrophe salvara-se apenas Constantinopla: mas, ahi mesmo, foi-se per-

dendo a herança scientifica da antiguidade, visto que, no seculo VI, Procopio de Cesarea, na sua «Guerra Gothica» descrevia no Oceano Occidental duas Britannias, uma, enorme, a distancia de 4:000 estadios do continente, a outra, de mais redusidas dimensões, situada perto de 200 estadios a oeste das boccas do Rheno.

Apesar do seu apparente vigor, das suas tentativas de expansão pelas guerras da Asia, o imperio bysantino, á semelhança da nau desmastreada pelo temporal e açoitada pelas ondas furiosas, não tardaria a sossobrar ao embate do negro bulcão do islamismo que, bem proximo, se ia ennovellando temerosamente.

CAPITULO II

A primitiva geographia medieval dos padres da Igreja. —Influencia dos Arabes, dos Normandos e das Cruzadas nos progressos da geographia

A' geographia conjectural ou utilitaria dos gregos e romanos, succede, nos primeiros seculos da edade media, a geographia mystica e symbolica dos padres da Igreja.

É sabido que, durante esse periodo de anarchia politica, a nova religião, triumphando das perseguições officiaes por ter encontrado em ruinas as antigas crenças do polytheismo classico, estabelecia, pelas suas promessas de felicidade eterna alem do tumulo, o unico laço de união que fazia de todos os homens os membros da mesma familia em Christo. A voz dos padres e doutores da Igreja era, pois, universalmente respeitada e a Sagrada Escriptura a unica fonte legitima de toda a auctoridade scientifica. Sob esta influencia a theoria hellenica da espherici-dade terrestre, que parecia contraria á doutrina da creação Moysaica, encontrava uma viva

opposição por parte dos sectarios da sciencia religiosa.

Por isso, no entender de alguns, a Terra, na sua forma, lembrava o antigo disco homerico, cercado pelo Oceano que, no semi-diametro occidental, se insinuava pela zona habitavel formando o Mar Caspio, o Golfo Persico, o Mar Erythreo, o Mediterraneo e separava a Europa da Africa; de norte a sul, o disco era cortado por outro diametro cuja metade direita era formada pelas aguas do Nilo e a esquerda pelas do Mar Egeo e do Mar Negro; e todo o semi-disco oriental representava a Asia conhecida.

A theoria de Bedo o Veneravel expunha que «a terra está no meio do mundo como a gema está no meio do ovo; em volta d'ella encontra-se a agua, do mesmo modo que em volta da gema se encontra a clara; em redor da agua existe o ar como em redor da clara do ovo existe a membrana que o contem; e tudo isto está envolvido pelo fogo da mesma maneira que a casca envolve todo o ovo.»

Outros, acceitando a theoria de Possidonio, admittiam ainda que a Terra tinha a forma de uma funda. Mas a opinião mais seguida, por mais se conformar com as crenças religiosas, era a de que a Terra, um enorme parallelogrammo, reproduzia as formas do Tabernaculo de Moysés tendo por tecto a abobada celeste.

A' semelhança dos romanos que tinham ordenado o mundo em volta da Roma Soberana, tambem agora, na geographia mystica, as terras conhecidas se dispunham em redor da cidade santa, regada com o sangue do Redemptor do Mundo. Jerusalem era, pois, o centro do orbe, e o paraiso terreal, vedado aos descendentes de Adão, ficava situado n'uma terra inaccessivel do extremo Oriente, terra fecunda e mysteriosa, d'onde manavam as fontes dos quatro grandes rios sagrados, o Nilo, o Ganges, o Tigre e o Euphrates.

É preciso comtudo confessar que a influencia da Igreja sobre os progressos geographicos nem sempre foi perniciosa. Nos primeiros seculos do christianismo, o enthusiasmo fervente dos que tinham abraçado essa religião impellira missionarios para a Armenia, Arabia e India; é certo que no seculo v a heresia de Nestorio, separando da Igreja romana a maior parte das igrejas do oriente, fechou, por esse lado, o accesso da Asia; mas as missões do occidente, ao passo que reconheciam as regiões circumvisinhas do Rheno e do Danubio e rectificavam pontos duvidosos da geographia da Inglaterra, da Escocia e das costas da Europa, descobriam mesmo as terras novas da Irlanda e da Islandia, completamente ignoradas dos romanos.

Havia entretanto um ponto em que todos, pagãos antigos e christãos modernos, se encontravam de accordo; era o da existencia da zona torrida inhabitavel e portanto a crença de que a Africa meridional ficaria para sempre desconhecida por se encontrar nas visinhanças d'esse mar ardente, inflammado pelos raios perpendiculares do sol e onde a vida não podia desenvolver-se. Assim, Macrobio e Orosio, no seculo v, suppõem que a Africa termina no Atlas, proximo das ilhas Afortunadas; Cosmas Indicopleustas, no seculo vi, com a mesma ignorancia do continente Africano, desenvolve a theoria do parallelogrammo terrestre chanfrado pelos quatro golphos do Mediterraneo, Caspio, Arabico e Persico, e embaraça a navegação do Atlantico declarando que «esse Oceano occupa um espaço immenso onde as tempestades são frequentes e onde ha trevas espessas que obscurecem os raios do sol»; no seculo vii, Santo Isidoro de Sevilha acceita a existencia do oceano ethiopico cujas costas, proximas da vertente meridional do Atlas, são habitadas pelos Garamantes, e Bedo o veneravel, de quem já fallámos, expõe novamente a theoria homerica da forma da terra; no seculo viii, os conhecimentos geographicos do anonymo de Ravenna, de Dicuil dividindo a Terra na Europa, Asia e Lybia, de Raban Mauro, e de Alfredo o Grande, não

adiantam a sciencia anterior; finalmente, nos seculos IX, X, XI e XII, a geographia christã continua reproduzindo as ideias antigas, mas as novas influencias dos arabes, dos normandos e o grande movimento das cruzadas, se não resolvem ainda o problema do contorno da Africa e não desfazem as lendas da zona torrida e da terra antichtona, em todo o caso imprimem um grande movimento ao espirito moderno e preparam o advento da geographia positiva.

Era, como se vê, bem grande, no periodo que abrange os quatro primeiros seculos da edade media, a decadencia dos estudos geographicos. A viva fé religiosa do tempo oppunha-se com energia á divulgação de qualquer conhecimento que parecesse contrariar as divinas affirmações da Biblia. Esse mesmo sentimento, ardendo em cerebros ingenuos d'uma psychologia elementar, como eram os de todas essas raças barbaras que fermentavam, entrechocando-se em guerras interminaveis pela posse da Europa, tinha dado largas á imaginação supersticiosa e creara o inferno theologico com o seu duplo aspecto de invenção mystica e de realidade natural, habitado pelos espiritos banidos da contemplação da face de Deus em castigo da sua rebeldia e, ao mesmo tempo, logar de innarravel dôr onde os humanos, que pelo corpo tinham peccado, iriam, depois da morte, expiar pelo

mesmo corpo, em soffrimentos inauditos, as culpas e delictos da sua vida terrena.

Esse longo pesadelo em que a phantasia, fluctuando n'um estado intermediario entre o somno e a vigilia, se compraz na geração dos mythos, dera de si a fauna e a flora monstruosa dos entes diabolicos encarregados de atormentar os condemnados ás penas eternas. O nosso Museu das Bellas Artes possue um quadro gothico de inestimavel valor como documento da maneira por que o artista, encarando naturalmente a epocha em que viveu, traduziu a concepção vulgar dos tormentos do inferno. Ahi, o ser humano, deformado pela allucinação do pintor, reveste as mais horrendas formas para representar a legião dos demonios executores do infinito castigo.

Não admira portanto que a semente das antigas fabulas geographicas, lançada no terreno fertil da imaginação medieval, depois de germinar com vigor, se desatasse n'uma sazão abundante de fructos desproporcionados e gigantescos. Nas cartas e livros do tempo, desenham-se e descrevem-se plantas, animaes e homens de configurações extranhas, e coisas de virtudes maravilhosas. Onde porém se localisavam mais especialmente as doentias creações d'esse delirio febril religioso, era nas proximidades da zona torrida, no mar immenso das trevas

em que nadavam monstros capazes de tragar os navios, redes de plantas que os paralysavam na marcha, costas fugidias que os desorientavam no rumo, sereias tentadoras que perdiam com doces cantos as tripulações seduzidas, vagos phantasmas que varriam da memoria a lembrança da patria e do lar, mundo de sombras e medos, região do eterno esquecimento opondo-se ao regresso dos temerarios que se atrevessem a transpôr-lhe os mysteriosos umbraes.

Para romper o circulo magico das encantadas paragens era mister possuir o enthusiasmo ardente e a fria coragem dos heroes; e, na serie das gerações, ainda não tinha logar a gente portentosa que havia de afugentar os monstros e desfazer as sombras do mar tenebroso. Entretanto, na arena da peninsula hispanica, travava-se o duello secular entre a fria raça wisigothica dos homens do norte e os ardentes sectarios do islamismo. Longe de ser de morte, foi essa uma lucta fecunda que, pondo em contacto as duas raças de caracteres tão differentes, as fundiu, pelo cruzamento, n'um producto singular integrando as qualidades dos ascendentes, povo impressionavel e forte, sonhador e audaz, intemerato e crente, que esperava o momento solemne de ser favorecido pelo meio geographico para deslumbrar o mundo com a epopeia gloriosa dos seus inauditos descobrimentos.

*
* *

O primeiro effeito da invasão islamita, violenta como o *simoun* ardente do deserto e como elle aniquiladora, foi a ruptura de relações e a perda das poucas noticias que o imperio bysantino ainda conservava das regiões do Extremo Oriente. A Europa, perdendo a Peninsula Iberica, sentia-se ameaçada d'uma submersão total por esse turbilhão que absorvera d'um impeto a costa africana do Mediterraneo.

Sustada porém a marcha dos invasores e mais enfraquecidos os odios das primeiras luctas, começou a exercer-se a benefica influencia da nova civilisação, imprimindo um movimento desusado á actividade expansiva da Europa. Reataram-se as relações com o Oriente; prosperaram as cidades maritimas da Italia; Amalfi e Veneza tornaram-se os maiores emporios commerciaes do mundo conhecido; as navegações costeiras dos arabes, seguindo pelo Mar Roxo, foram reconhecendo o littoral e assegurando o trafico da Asia meridional desde Ormuz até Malaca, desde as ilhas de Sonda até aos portos da China; e a exploração do Iran e das regiões visinhas do Aral prepararam o conhecimento da Asia interior e a celebre viagem de

Marco Pólo, que tão grande acção exerceu nos nossos emprehendimentos maritimos.

Maior ainda foi o influxo dos arabes como depositarios dos thesouros occultos da sciencia grega. E' agora que se desenha o conflicto entre o saber pagão e as doutrinas da orthodoxia ao reapparecer a theoria da esphericidade terrestre; que se desenvolve o espirito de observação com os progressos da astrologia, da alchimia, das sciencias naturaes e da medicina; que se aperfeiçoa a arte de navegar, pelas noções mais completas do curso dos astros e pela invenção e melhor applicação dos instrumentos nauticos; é finalmente agora que o amor das lettras e o natural impulso de communicar a sciencia adquirida provoca a manifestação de uma pleiade de escriptores, poetas, philosophos, astrologos, medicos, traduzindo cada qual as suas creações ou estudos predilectos e entre os quaes os dos geographos não são dos menos notaveis.

Pois a despeito de todo este grande movimento, o enigma da costa occidental da Africa permaneceu indecifravel para os geographos arabes.

No seculo x, Masoudi entendia que os marinheiros não podiam navegar no Atlantico para alem das Columnas de Hercules. No mesmo seculo, Ibn Haucal, na sua descripção da Africa,

mostra conhecer apenas a costa d'esse continente até Sebu, que fica na latitude de Fez. No seculo XII, o famoso Edrisi, declarando que a totalidade da população do globo habita a parte septentrional, imagina a terra mergulhada no mar Oceano, como se fosse um ovo mergulhado em parte na agua contida n'uma taça. No seculo XIII, Ibn-Saïd, embora conhecesse um pouco o interior das terras de Africa até ao parallelo 16.° S., continua affirmando a impossibilidade de navegar no mar occidental para o sul das Canarias.

Que obstaculo era, pois, este que persistia em fechar o Atlantico ás explorações dos christãos e musulmanos? Era sempre a teia das lendas enredando cada vez mais nas suas malhas sobrepostas o espirito de investigação. A fecunda phantasia dos arabes não deixara de accrescentar novas ficções ás que já corriam por conta do Mar Tenebroso. Agora eram, a mais das trevas, das visões e dos monstros, tempestades inauditas, ventos violentissimos, vagas da altura das montanhas que as prôas dos navios não podiam cortar e, emfim, as mysteriosas estatuas encantadas, refulgentes de oiro, situadas como sentinellas nas proximidades das costas perigosas e em cujas columnas os navegantes liam com assombro a seguinte inscripção impeditiva: *não passarás d'aqui.*

*
* *

A influencia da invasão normanda e do movimento das cruzadas sobre os progressos da geographia foi da mesma natureza que a dos arabes. Esses reis do mar, irrequietos e aventureiros, que no seculo IX desciam nas suas barcas de couro ao longo das costas do mar Germanico e do golpho da Gasconha e penetravam nos estuarios dos rios da França para exercerem actos violentos de pirataria contra as populações assustadas, em breve, seduzidos pelos encantos dos paizes meridionaes, se fixaram em França, avassallaram a Inglaterra e, penetrando no Mediterraneo, fundaram na peninsula italiana o reino das duas Sicilias. Esta corrente dirigida em sentido contrario ao da invasão dos sectarios do Islam deu, como consequencia inevitavel, o choque das duas raças, travando-se entre ellas um duello que tinha como pretexto o conflicto dos sentimentos religiosos. As cruzadas foram, com effeito, iniciadas pelos normandos, esquecidos da sua mythologia heroica e convertidos á religião christã. O enthusiasmo da fé ardente alliado á ambição e ao amor das aventuras excitava-lhes a imaginação e promettia-lhes, a par da bemaventurança eterna

alcançada pelos sacrificios empregados em libertar o tumulo do Salvador do jugo do Koran, uma infinidade de gosos provocados pelos rios de sangue a correr na furia dos combates, pela posse das mulheres desmaiadas no interior dos serralhos violados, pelo deslumbramento das gemmas preciosas saqueadas e de todas as riquezas d'esse Oriente encantado, cujas maravilhas contavam piedosamente os peregrinos vindos da terra miraculosa, onde se desenrolara a tragedia da Paixão.

A Europa inteira precipitou-se no caminho da Asia mediterranea. Prodigiosa aventura foi essa cujos resultados primarios, restaurando os antigos conhecimentos geographicos, foram seguidos do esplendor commercial, nunca visto até ali, de muitas cidades do littoral do velho continente. Nas mãos dos de Veneza, dos de Pisa e dos de Genova, nos portos de Marselha e Barcelona e, em menor escala, nos portos do Baltico e da Inglaterra, concentrava-se o commercio dos productos da India, da China, e das Ilhas das especies, trazidos pelas caravanas que percorriam sem cessar os caminhos do Egypto, da Arabia e da Mesopotamia. Por esta maneira se ia descobrindo aos olhos da Europa occidental o mysterio das regiões do Levante.

A proposito das navegações normandas convem accentuar que o viajante francez Villaut

de Bellefond do seculo XVII, depois de ter percorrido a costa da Guiné, pretendeu demonstrar, na relação da sua viagem dedicada a Colbert, a primazia dos marinheiros de Dieppe como descobridores d'essa costa onde, no dizer do auctor, tinham estabelecido feitorias no anno de 1365. Tal asserção obedecia ao intento de diminuir a gloria legitima pertencente aos navegadores portuguezes e talvez de preparar, n'essa epocha dolorosa da nossa historia colonial, a intervenção da França nas questões ultramarinas em que andavamos envolvidos com a Hollanda e com a Inglaterra. O nosso illustre compatriota, Visconde de Santarem, consagrou a sua notabilissima obra intitulada *De la priorité de la découverte des côtes occidentales de l'Afrique* á refutação de taes affirmações. Depois de citar um grande numero de passagens extrahidas de escriptos anteriores e posteriores á narração de Villaut de Bellefond e de documentos diplomaticos emanados da curia romana e do proprio governo da França prohibindo, no seculo XVI, aos seus nacionaes a navegação das possessões portuguezas incluindo a da Guiné, mostrou ainda á face dos monumentos cartographicos dos seculos XIV e XV que toda a Europa, antes do seculo XVII, reconheceu unanimemente, pelos seus historiadores e governos e pelos trabalhos dos seus cartographos, a nossa

qualidade de primeiros navegadores da costa occidental africana para além do cabo Bojador.

Não ha portanto duvida alguma acerca da ignorancia de todos os viajantes, christãos e arabes, italianos e normandos, sobre as regiões littoraes da Africa occidental. O mar das trevas continuava fechando, com o terror das lendas, a porta por onde passaria triumphante a civilisação dos aryas encarnando na audacia do genio portuguez.

Avisinham-se entretanto os seculos XIII e XIV. A fé religiosa e o interesse commercial promovem a indagação da Asia interior até os extremos confins da China.

No palco da Historia ergue-se a figura agigantada de Marco Pólo e com ella despertam as ambições de encontrar o caminho maritimo do reino prodigioso do Preste Joham. Foi esse o vento propicio que insuflou as velas das nossas naus, impellindo-as á circumnavegação do continente africano.

CAPITULO III

A descoberta da Asia. — Marco Pólo. — Os geographos do seculo XIV

Pelo meado do seculo XIII, em seguida á conquista mongolica que subjugara a Asia inteira desde a China até ao Mar Negro e cuja tolerancia para com a religião christã contrastava singularmente com a feroz intolerancia dos Turcos, corria a tradição da existencia, na Asia interior, de um reino, tambem christão, refulgente de esplendores, presidido por um rei magnifico, o celebre Gur-Khan, mais conhecido pela denominação popular de Preste Joham. Atar relações com este paiz, mais tarde transferido pela imaginação do povo para o interior da Abyssinia, foi o desejo ardente de toda a christandade.

O papa Innocencio IV deliberou enviar duas embaixadas a esse paiz com o fim de lhe impor a sua supremacia espiritual e de negociar os meios de propagar a fé por toda a extensão do mundo conhecido. A primeira, composta de mon-

ges dominicanos, partiu de Acre, atravessou a Mesopotamia e a Persia, chegou ás fronteiras do Turkestan occidental e, depois de ter obtido do Khan ahi reinante uma formal resposta negativa ás propostas conciliadoras do pontifice, teve de regressar a Acre sem ter conseguido dilatar a esphera dos conhecimentos geographicos d'essa região.

Foi mais feliz a segunda embaixada dirigida pelo franciscano Giovanni del Pian de Carpini, o qual descreveu a sua viagem n'um livro intitulado *Historia Mongalorum*. Partindo em 1245, percorreu a Polonia e, seguindo o caminho de Kiew, atravessou a planicie russa tendo por unica alimentação farinha de milho amassada com agua e sal e por bebida a agua da neve derretida. Assim chegou ao acampamento do Khan que dominava na bacia do Volga. Depois da curta demora de quatro dias, partiu para o Oriente, acompanhado por uma escolta de soldados tartaros, e decorridos tres mezes e meio, tendo percorrido a steppe dos Kirghis, a costa septentrional do lago Balkash, a Dzungaria toda coberta de neve, chegou em julho de 1246 á residencia do Grande Khan Cajuk, perto da actual cidade de Urga. Assistindo á cerimonia da coroação do imperador realisada com toda a barbara magnificencia oriental, a embaixada christã, depois de ter recebido uma altiva res-

posta de Cajuk e uma carta para o papa, na qual o mesmo se intitulava *Omnium hominum imperator* e convidava o pontifice a submetter-se á sua vontade, regressou á Europa trazendo as primeiras noticias d'essas regiões, por tanto tempo desconhecidas. É curioso como os escriptos da epocha associam a essa embaixada o nome do franciscano Lourenço de Portugal. Embora alguns contestem que esse monge fosse companheiro de Carpini, em todo o caso o facto prova que, n'esse tempo, já os portuguezes trilhavam as dilatadas regiões da Asia interior.

A *Historia Mongalorum* inserindo fabulas e prodigios das regiões provavelmente não visitadas pelo auctor, taes como a existencia, nas costas do Mar Glacial, de raças humanas com rosto de cão e pés de boi, e erros geographicos como o de suppor que o Volga, o Don e o Dnieper desaguam no mesmo mar, descreve com vida e rigor de observação, os homens, costumes, vestuario, alimentação, em summa, a existencia d'essas gentes estranhas e tão differentes das das regiões da Europa.

Guilherme de Rubruk foi um outro fraide, embaixador de S. Luiz, enviado aos paizes tartaros com o fim de chamar os soberanos mougolicos á collaboração da piedosa empreza a que o rei de França tinha dedicado a vida inteira. Partindo da Crimeia no principio de junho de 1253,

em companhia de Fr. Bartholomeu de Cremona, explorou as mesmas regiões visitadas por Carpini e reconheceu que o Caspio era um mar interior. Regressando á Cilicia em maio de 1256, pelo caminho da Armenia e da Asia Menor dirigiu a S. Luiz um itinerario da sua viagem. Esse ficou sendo o monumento geographico mais notavel da edade média pela observação sagaz e fina critica do auctor sobre os paizes explorados, e sobre a vida e costumes dos povos que entraram em relações com o illustre viajante.

Taes foram os resultados do primeiro contacto da civilisação do occidente com as populações do coração da Asia.

*
* *

A noticia das viagens dos embaixadores religiosos, atravessando paizes tão longinquos para maior exaltação da fé, despertou logo a ambição dos mercadores.

Em 1261, Nicolau e Matheus, filhos do patricio veneziano Andrea Polo, tentaram a exploração commercial do interior da Asia, até ahi limitada, pelos negociantes da Europa, ás circumvisinhanças de Alepo e de Iconia. Partiram em direcção ao Volga e depois de trans-

porem os Uraes e a steppe, chegaram a Bukhara, onde permaneceram tres annos estudando os povos e linguas da região e estreitando relações commerciaes. Em seguida, fazendo parte da embaixada que o Khan da Persia enviara ao Grande Khan da China, Cublai, penetraram n'este paiz e chegaram á residencia da côrte mongolica, sendo ahi recebidos com o melhor acolhimento. Depois de alguma demora, regressaram novamente pelo caminho da Asia e entraram em Acre no anno de 1269.

Foi esta viagem, suscitada pelo ganho, que trouxe á Europa, depois do insuccesso politico das viagens dos missionarios, a certeza de haver no extremo Oriente um soberano poderoso, mais propenso que os seus antecessores a entabolar relações com as populações christãs do occidente. Cublai, que se dizia filho de mãe christã, pedira aos Polos informações do pontifice romano, dos principes e nações da Europa e dera-lhes no regresso um companheiro encarregado de, em seu nome, prestar obediencia ao Papa e de pedir ao mesmo a graça de enviar-lhe alguns individuos versados nas artes liberaes, para as ensinarem na China conjunctamente com as doutrinas da religião christã. Gregorio X, satisfazendo o pedido de Cublai, decidiu escrever-lhe cartas de paz e mandar-lhe dois frades dominicanos que acompanha-

riam os Polos, na nova viagem delineada por estes.

Aos dois Polos, Nicolau e Matheus, aggregava-se agora Marco, filho do primeiro. Partindo de Veneza, os Polos encontraram-se com os dominicanos em Acre e d'ahi seguiram para o interior em novembro de 1271; mas, dentro em pouco, os frades, assustados com os rumores de uma guerra prestes a rebentar, abandonaram os companheiros que, proseguindo, realisaram, atravez de mil perigos, percorrendo montes, planuras e desertos, explorando mares desconhecidos, arrostando as inclemencias de um clima inhospito durante vinte e quatro annos, a assombrosa viagem reveladora dos segredos do Oriente, por tanto tempo occulto ao conhecimento da Europa.

A narrativa de Marco é obscura, sendo difficil reconhecer, por ella, a travessia effectuada no interior do grande continente; porém, os trabalhos da critica moderna permittem reconstruir toda a viagem.

Sahindo da costa da Cilicia, penetraram na Armenia Menor e seguindo o curso do Tigre, dirigiram-se a Mossul, Bagdad, Basra e Ormuz. N'esta cidade, cujo clima e vida Marco descreveu com minuciosas particularidades, esperaram em vão a chegada de qualquer nau veneziana que os transportasse até á China. Resolvendo

seguir por via terrestre, subiram até Carmana, no rumo de Balkh, povoação situada nos contrafortes do planalto de Pamir. Caminhando ao longo do curso do Pang, affluente do Amu-Daria, fizeram uma ascenção de 4:000 metros de altitude para transporem uma das passagens do Sarikal e desceram provavelmente pelo valle do rio de Iarkand.

As palavras com que Marco Polo descreve essa região correspondem precisamente ás narrativas dos viajantes modernos. De Iarkand, caminhando no rumo do Oriente, seguiram a vertente septentrional do Kouen-Loun e, depois de atravessarem a immensidade do deserto de Gobi, chegaram emfim a Pekim ou Cambaluc. Eram decorridos tres annos desde o começo da viagem! A recepção affectuosa que esperava os viajantes em Cambaluc demorou-lhes a residencia n'essa cidade de maravilhas relatadas minuciosamente por Marco. Essa demora estreitou mais as relações com o imperador Cublai que d'ahi a pouco encarregava Marco de uma missão governativa nas provincias meridionaes do imperio. No desempenho da sua missão de confiança, partiu de Cambaluc para o sudoeste, e depois de ter percorrido uma das provincias mais industriosas da China, de transpor a caudalosa corrente do rio Amarello, passou em Si-gnam-fu, cidade opulentissima pela

industria da seda e chegou á não menos opulenta Ling-Tu. Continuando para o sul, passou do Iang-Tsé-Kiang e, atravessando a elevada cordilheira que separa o Mekong do Salouem, chegou até Pagan (Mien da actual Birmania) ultima região da Indo-China que obedecia ao imperador de Cambaluc.

De todas essas paragens conta Marco Polo os aspectos variados com um grau maior ou menor de verosimilhança. Foi tão lisonjeiro o resultado da sua missão que Cublai quiz dar-lhe como recompensa o governo da cidade de Iang-Ciou, situada a oeste da moderna Nam-King.

Tendo consumido tres annos n'esse novo governo e depois de ter percorrido outras regiões do sul descendo até á Cochinchina, chegaram-lhe noticias do Japão ou Cipango, paiz de maravilhas e esplendores, onde «havia um palacio com tectos, paredes e salas forradas de oiro massiço». Decorridos dezeseis annos de residencia na China, coberto de riquezas e honras, aproveitou o ensejo de regressar á patria, á qual desejava communicar o resultado das suas viagens, ensejo fornecido pela sua ultima missão de acompanhar a princeza Cocacin, noiva do soberano da Persia.

Partiram, pois, os Polos no sequito da princeza, viajando por terra ao longo do littoral

chinez até ao porto de Fu-Cheu; d'ahi, embarcaram n'uma armada de treze navios que seguiu ao longo da costa, torneou a peninsula de Malacca, rumou a Ceylão depois de ter tocado nas ilhas Nicobar e Andaman e, tendo passado o estreito de Palk, celebre pela pesca das perolas, e dobrado o cabo Comorim, correu a costa do Malabar e foi fundear a Ormuz. Enviando a princeza ao seu destino, os Polos regressaram emfim á Europa, seguindo o caminho do golpho Persico e atravessando novamente a Asia Menor.

Todas estas longas viagens e peregrinações, feitas á custa de longos trabalhos e de inaudito esforço de paciencia, são minuciosamente descriptas por Marco, o relator da expedição. Chimeras e fabulas, perigos e aventuras, paizes estranhos e costumes extravagantes de povos nunca sonhados, apparecem com frequencia na sua narrativa. Mas, por isso mesmo, a imaginação dos povos da Europa, amplificando a visão maravilhosa, accendia os instinctos da cubiça e despertava o desejo de estabelecer facil communicação com essas regiões em que scintillavam a montes as preciosas pedrarias, em que havia reis anciosos por seguir a doutrina de Christo, regiões talvez proximas do paraiso terreal situado nos extremos confins d'esse Oriente de prodigios.

* * *

A narração das viagens de Marco Polo só começou a exercer verdadeira influencia sobre a geographia no principio do seculo XV, porque, tendo sido redigida em 1307, passou durante muito tempo por um apontoado de mentiras. Os proprios amigos e parentes do viajante chegaram a pedir-lhe, á hora da morte, que, para bem da sua alma, se retractasse de todas as falsidades contidas na sua obra.

Não admira, portanto, que, durante o seculo XIV, a despeito do movimento scientifico herdado do seculo anterior e promovido sobretudo pelos escriptos de Alberto o Grande e Rogerio Bacon, as theorias relativas á forma e regiões da terra e portanto as relativas ao Mar Tenebroso e á configuração da costa occidental da Africa, continuassem reproduzindo os erros da antiguidade classica e os da sciencia medieval mystico-religiosa dos padres da Igreja.

Um dos cosmographos mais notaveis do principio d'esse seculo, Marino Sanuto, escreveu uma descripção da Africa que, no entender do Visconde de Santarem, se reduz a uma copia das ideias dos primeiros cosmographos da edade media. Ao que parece, Sanuto só conhecia, da

costa occidental da Africa, a parte septentrional limitada pelo Saharâ. Ainda no mesmo seculo, o italiano Uberti, suppondo a Asia prolongada até ao Nilo, acreditava que a Ethiopia, para além do Grande Deserto, se achava abraçada, de nascente a poente, pelo mar Oceano; e e o viajante João de Mandeville cuja vida decorreu entre 1327 e 1372, tendo percorrido quasi toda a Asia e tendo residido tres annos na China, continuava dando curso á doutrina da zona inhabitavel, declarando que «ao meio dia da Ethiopia se encontrava o grande mar Oceano e para além d'esse mar existia um grande paiz occulto a todas as vistas, impossivel de ser habitado por causa do grande calor do sol».

O mesmo exame dos textos dos dois geographos arabes mais notaveis do seculo XIV, Albyrouny e Abouféda, demonstrou ao sabio Visconde de Santarem a ignorancia d'esses geographos relativamente á fórma da Africa, por acreditarem: 1.°, que o globo era constituido por duas porções iguaes de terra e mar; 2.°, que só a parte septentrional era habitada.

Eram estas as ideias geographicas dominantes que poderiamos corroborar ainda mais, multiplicando citações extrahidas dos escriptos geographicos e dos monumentos de cartographia d'essas epochas.

Tudo isto serve para demonstrar o estado da sciencia europeia acerca da verdadeira configuração do continente africano e da possibilidade de se chegar por via maritima ao ambicionado Oriente.

O Mar Tenebroso permanecia fechado; era necessario possuir a força quasi sobrenatural desenvolvida pelos dois sentimentos absorventes da ambição da riqueza e do enthusiasmo da fé, operando na alma energica d'um povo excepcional que acabava de construir a sua nacionalidade, para investir contra o terror sagrado das lendas e dos monstros, das visões terriveis e das tempestades malditas.

CAPITULO IV

O Infante D. Henrique

No momento actual — e vem de longe a lucta! — para a explicação do nexo existente entre os phenomenos da Historia, debatem-se ainda duas correntes philosophicas irreductiveis porque, ambas particularistas, tentam subordinar ao seu ponto de vista exclusivo todos os acontecimentos realisados na vida das nações.

Uma d'essas correntes attribue a evolução historica á influencia de seres excepcionaes, reis e ministros, apostolos e heroes, nascidos por um designio providencial ou por um acaso singular da teratologia humana: é a theoria das grandes personalidades; a outra, deriva-a dos impulsos inconscientes da alma collectiva dos povos, actuando ao sabor das fatalidades do meio: é a doutrina da adaptação.

O caso nacional do Infante D. Henrique, interpretado pelas duas escolas, é um flagrante exemplo d'esta verdade. Para uns, essa figura estranha é o symbolo da vontade individual

applicada á execução d'um plano preconcebido, a alma das nossas aventuras maritimas, o mobil unico da nossa actividade ultramarina, a razão suprema da independencia que temos assegurada pelo nosso caracter de potencia colonial; para os outros o infante navegador, assumindo proporções menos avantajadas, reduz-se ao papel de centro de energia, onde vão convergir as aspirações d'um povo, obrigado pelo imperio das circumstancias a expandir a exuberancia da sua força por logares distantes do seu *habitat* natural.

Ha um fundo de verdade nas duas concepções. Nunca um homem apparece completamente isolado do meio em que nasceu. Dos seus antepassados herda sempre uma parcella maior ou menor de ideias, crenças ou sentimentos que, se representam a media das ideias, crenças ou sentimentos dos seus contemporaneos, fazem d'elle uma personalidade vulgar; porém, quando alguma d'essas qualidades se desenvolve mais e por isso define um caracter, então esse individuo destaca-se do commum dos individuos da sua epocha e pode imprimir um movimento mais ou menos accentuado á geração onde se desenvolveu.

Os conductores de homens, isto é, os ambiciosos com grande força de vontade, são os que immediatamente influem nos seus similhantes;

assim o demonstra a historia de todas as tyrannias, quer os tyrannos se chamem Alexandre ou Cesar, Mahomet ou Napoleão. Por outro lado, os modernos estudos da psychologia collectiva affirmam a facil obediencia das multidões áquelle que, por fingimento ou por convicção, soube reflectir sobre ellas, amplificando-o, o vago sentimento obscuro, mas dominante, nos motivos da sua existencia.

A obra do infante D. Henrique, por ser a manifestação de uma poderosa individualidade integrada no seu meio original, não passa de um episodio, grandioso por certo, mas absolutamente normal na evolução historica da nossa nacionalidade.

*

* *

No primeiro quartel do seculo xv, Portugal, depois de haver talhado com a espada heroica a parte da peninsula Iberica que ficou constituindo o seu dominio continental europeu, e depois de ter proclamado bem alto, em 1385, pela eleição do Mestre de Aviz, a sua existencia de nação livre e independente, achava-se preparado para iniciar a serie maravilhosa dos seus descobrimentos maritimos.

Cessara por toda a Europa o rumor das

guerras necessarias á formação dos diversos estados e a energia das novas raças que tinham vindo regenerar o depauperado sangue romano só procurava o ensejo de despertar do seu momentaneo adormecimento; o espirito scientifico, ancioso por descobrir os segredos da natureza, vibrava sob a influencia de Bacon, o fundador do methodo experimental; a arte de dirigir os navios prosperava a olhos vistos pelo melhor conhecimento do curso dos astros e pela invenção de novos instrumentos de navegação; o desenvolvimento do commercio, concentrado nas regiões mediterraneas, estreitava as relações sociaes e punha a ambição da riqueza no coração dos povos do occidente; a propria fé religiosa, provocando o movimento das cruzadas, dilatava o ambito das aspirações humanas, porque, estabelecido o contacto entre a estreita civilisação da meia edade e a das populações do Oriente, mostrava que o mundo se não circumscrevia aos acanhados horizontes do lar, da patria, e da somma das ideias, sentimentos e crenças herdados das sociedades antigas; finalmente, a ruina do poderio das classes privilegiadas, tornando homogeneos os interesses dos elementos constitutivos das nacionalidades, imprimira a unidade da acção ás manifestações da sua alma collectiva.

Que faltava portanto á humanidade para

rasgar os caminhos mais occultos da Terra e explorar as regiões absconditas dos mares e dos continentes austraes?

Faltava-lhe um povo que se deixasse seduzir pela tentação das aventuras, favorecido por um dominio geographico que o puzesse em relações com o oceano desconhecido, inflammado por uma crença que lhe desse a força de vencer todos os obstaculos e um homem, um guia que concentrasse todas as energias d'esse povo e o impellisse ao cumprimento da sua missão historica.

Esse povo appareceu e chamou-se Portugal; o guia foi o Infante D. Henrique.

*
* *

A cruzada contra os musulmanos da Hespanha, ao mesmo tempo que determinara a formação dos novos reinos christãos, impuzera ao mais occidental o seu caracter de nação maritima. O fundador da nossa monarchia levou a effeito a conquista de Lisboa ajudado pelas forças navaes dos cruzados do Norte; de cruzados eram tambem as forças auxiliares com que D. Sancho I realizou a conquista de Silves; e o longo desenvolvimento da nossa costa, expondo-a ás piratarias dos mouros de Marrocos,

anciosos por vingarem as affrontas infligidas aos seus correligionarios dáquem Mediterraneo, obrigaram logo os nossos primeiros reis á construcção de uma armada de galés, ponto de apoio da defesa littoral nas horas angustiosas da guerra e tambem agente natural da industria da pesca e do commercio costeiro nos raros intervallos da paz.

Porém, foi D. Diniz o verdadeiro creador da marinha nacional. Mandou plantar florestas destinadas a fornecer as madeiras destinadas á construcção dos navios e, recorrendo ás luzes dos genovezes, então mestres consummados na arte de navegar, deu o cargo hereditario de almirante da frota real a Manuel Pezzagna com a obrigação de ter sempre ás suas ordens vinte marinheiros de Genova para servirem de arraes e alcaides das galés.

Este impulso dado á marinha de guerra fructificou logo no reinado seguinte. D. Affonso IV enviou de Lisboa, em 1341, uma expedição composta de portuguezes e italianos destinada á exploração das Canarias. Não foi propriamente uma viagem de descoberta porque esse archipelago, conhecido pelo nome de ilhas Afortunadas, tinha sido visitado pelos marinheiros phenicios, carthaginezes, gregos e romanos. Seria antes uma viagem commercial obedecendo ao intuito politico de estender a area da influen-

cia do paiz a essas ilhas trazidas de novo ao contacto da civilisação europeia. Cortadas as aspirações do monarcha pela decisão do papa Clemente VI, o qual investira no titulo de rei das Canarias a D. Luiz de Lacerda, bisneto de Affonso — o Sabio, o facto prova entretanto que os nossos navegadores já sentiam os primeiros assomos da audacia que os impelliria ao encontro das ilhas do Atlantico e ao reconhecimento da costa africana.

A legislação maritima de D. Fernando, notabilissima por conter em germen todas as providencias adoptadas pelas nações modernas com o fim de desenvolverem as suas armadas commerciaes, veiu completar, nesse tempo em que a frota mercante se confundia com a da guerra, o apparelho instrumental posto á disposição do povo portuguez e do Infante D. Henrique para continuarem a antiga cruzada contra os infieis da costa fronteira de Marrocos e iniciarem uma outra mais fecunda, a cruzada do esforço humano applicado a dilatar a sciencia do conhecimento da Terra e a rasgar a via luminosa da civilisação moderna.

O primeiro periodo da actividade do Infante D. Henrique desde a expedição de Ceuta em 1415 até á passagem do Cabo Não em 1422 (?), foi sem duvida provocado exclusivamente pelo sentimento religioso de dilatar a fé christã,

guerrear os infieis sectarios de Mahomet e prover á salvação das almas. Cumpria-lhe, como grão-mestre de Christo, empregar os rendimentos disponiveis da ordem, na continuação da cruzada. A chronica de Azurara aponta, além d'este, outros motivos de interesse scientifico e commercial, determinantes da obra do infante. Existiram por certo esses motivos; mas só mais tarde germinaram quando, transposta a barreira do Cabo Não, se viu cahir a primeira lenda de terror que protegia os segredos do Mar Tenebroso. D. João I, na sua hora extrema, exige do filho a solemne promessa de continuar a lucta contra os mouros; o papa Eugenio IV concede a remissão completa dos peccados áquelles que, em Africa, succumbissem na guerra com os infieis; e o testemunho d'um contemporaneo, notavel collaborador nas nossas descobertas, confirma que o primeiro mobil das expedições de D. Henrique foi o desejo «de perseguir com todas as suas forças os inimigos da Santa Fé de Christo». Da narração das viagens de Cadamosto, esse contemporaneo illustre, extrahimos as seguintes passagens confirmativas do nosso modo de ver: «e depois da morte de seu Pae, com ajuda de El-Rei D. Duarte, seu Irmão mais velho, que succedeu no reino de Portugal, fez muitas guerras na Africa aos do reino de Fez, nas quaes sendo bem succedido por

muitos annos, procurando por todas as vias damnificar ao dito Reino; intentou mandar as suas caravellas armadas a correr a costa de Çafim e Messa, que são do mesmo reino de Fez, o qual vem até ao Mar Oceano da parte de fora do Estreito de Gibraltar; e assim as empregou annualmente, fazendo sempre muito damno aos mouros: e solicitando o dito Senhor que navegassem cada anno mais avante, as fez chegar até hum Promontorio chamado Cabo de Nam, que ficou assim chamado até o dia de hoje: e este foi sempre o termo d'onde ninguem antes passou que podesse tornar; e assim se chamava Cabo de Nam, como quem dissesse; quem o passa não volta.

D'esta maneira navegavão até este Cabo as ditas caravellas, e não ousavam passar mais avante: e desejando o dito Senhor, que o passassem, assim o determinou em o anno seguinte com o favor e ajuda de Deus; porque sendo as caravellas de Portugal os melhores navios de véla, que andão sobre o mar, e sendo estes bem providos de todo o necessario, julgava impossivel não poderem navegar por toda a parte: e desejoso de descobrir, e ouvir coisas novas, a fim de conhecer as Nações, que habitavão aquelles Paizes, *para se ajudar d'ellas contra os mouros,* fez preparar tres caravellas bem apparelhadas do necessario, e guarnecidas de ho-

mens valorosos, as quaes se fizeram á véla e vingaram o dito Cabo, navegando pela Costa.»

A propria descoberta da ilha de Porto Santo em 1418, não passou talvez de um episodio fortuito das expedições contra os mouros. «Uma caravella, refere Diogo Gomes, correndo com tormenta, viu uma ilha pequena, a qual está proxima da Madeira, que se chama agora Porto Santo, não povoada».

No anno seguinte de 1419 é que o infante enviou intencionalmente os seus familiares João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, ao reconhecimento de Porto Santo. Cumprindo a sua missão, fizeram logo o descobrimento da Madeira e da Deserta, não podendo ver que tal era a terra da primeira «porque estava toda cheia de arvores, cedros e outras especies».

Foi este o primeiro cyclo das nossas aventuras maritimas.

Dobrado o Cabo Não, dissolveram-se as lendas no espirito robusto e positivo do Infante e principiou a desenhar-se com vigor a sua poderosa individualidade.

O irmão D. Pedro, no regresso ao reino em 1418, trouxera um exemplar da narrativa de Marco Polo, presente da republica de Veneza, grata ás liberdades concedidas em Portugal aos seus nacionaes e, ao mesmo tempo, um mappa-mundi onde se achava conjecturalmente deli-

neado o contorno da Africa com a indicação da sua ponta meridional.

Tanto bastou para que o Infante D. Henrique, concentrando as forças creadoras do seu vasto pensamento, formasse o designio de chegar ao Oriente pelo caminho do Oceano. Agora sim, o seu proposito é consciente; agora comprehende o alcance material da sua empreza, prevê que, realisado o seu plano, o commercio da Italia se deslocará para Lisboa e sonha fazer do seu pequeno paiz, humilde pelo territorio, o imperio mais grandioso do universo. Rodea-se de mappas, chama cosmographos, estabelece o seu observatorio no cabo de S. Vicente, funda a Villa do Infante, estuda, espia o mar que lhe absorve as attenções, rompe com todas as affeições humanas ou, melhor, explora-as ao serviço do seu intento, confia successivas expedições ás ondas do Atlantico e depois de reconhecer uma grande parte do continente de Africa e descobrir as ilhas do largo, repousa finalmente no tumulo em 1460, consumido pela febre da sua ideia fixa, exhausto pelo seu prodigioso trabalho cerebral.

A obra posterior dos nossos navegadores é um esforço audacioso de heroes, mas representa apenas o desenvolvimento da creação genial do Infante D. Henrique.

Exceptuamos a viagem de Magalhães.

*
* *

A academia do Infante ou escola nautica de Sagres é um phenomeno vulgar da falsificação inconsciente da Historia. Vistos a distancia, os acontecimentos, á medida que vão sendo transmittidos de geração em geração, soffrem deformações varias, reduzem-se ou amplificam-se, adquirem mais importancia ou passam quasi despercebidos e chegam mesmo a mudar de significação tanto na essencia como nas circumstancias accidentaes, conforme o ponto de vista particular do historiador que os narra. Muitas vezes a deformação principia logo a effectuar-se na imaginação dos contemporaneos; outras, só mais tarde se realisa quando, por motivos embora alheios á probidade do historiador, o phenomeno, relatado de certa maneira, pode servir de prova ás convicções do mesmo. E' esta uma verdade corrente para quem está costumado a ler trabalhos relativos ao mesmo assumpto, pertencentes a escriptores diversos.

A noticia de D. Henrique haver creado uma escola nautica e uma academia de cosmographos no seu retiro da ponta de Sagres é, como dissemos, um d'esses exemplos de deformação historica. A partir do seculo XVIII todos os es-

criptores nacionaes e estrangeiros acceitaram a existencia da celebre academia e a figura do infante, aureolada por mais esse fulgor, serviu de larguissimo pretexto ás declamações dos escriptores contemporaneos ardendo no fogo sacrosanto do amor da patria.

Parece não soffrer duvidas que D. Henrique, ao fundar a Villa do Infante, tinha em vista estabelecer um porto, na costa do Algarve, donde mandasse os seus navios á descoberta. A maior parte das expedições parte, com effeito, de Lagos ou do Cabo de S. Vicente. De resto, a situação occidental de Sagres, dominando o vasto oceano nas proximidades do continente desconhecido, devia ser um centro de attracção para o Infante, ancioso por colher em primeira mão as noticias trazidas pelos seus navegadores. E' provavel que, depois de regressar da segunda expedição de Ceuta, escolhesse, como conta Damião de Goes, o Cabo de S. Vicente para sua residencia habitual; é tambem provavel que ahi, munido dos mappas, da relação das viagens de Marco Polo, offerecidas pelo irmão, e dos conhecimentos nauticos mais aperfeiçoados, elle, isolado do convivio dos homens, se entregasse a profundos estudos de astrologia e cosmographia na esperança de resolver o almejado problema de chegar á India por via maritima. Mas, concluir d'esses factos que D. Henrique estabe-

leceu uma escola nautica ou academia dos cosmographos mais notaveis da epocha, funccionando regularmente com o fim de satisfazer a sua curiosidade de saber os segredos da Terra e os mysterios do céu e de ministrar a instrucção da arte de navegar aos nossos marinheiros, parece-nos affirmação exagerada que só pode explicar-se por uma das taes suggestões inconscientes da Historia.

O illustre auctor das *Decadas da Asia* foi tambem o não menos illustre creador da Academia phantastica do Infante D. Henrique. Aproveitando uma indicação contida no *Esmeraldo de situ orbis* do infeliz Duarte Pacheco, conta Barros que o Infante, para effectuar a descoberta da Africa, chamou mestre Jayme de Mayorca, homem muito entendido na arte de navegar e sabio constructor de cartas e instrumentos nauticos. Diz mais que depois de muitas promessas e presentes sempre conseguiu resolver o dito mestre Jayme a vir residir em Portugal, isto com o fim de ensinar a sua sciencia aos navegadores portuguezes.

Eis o germen da escola de Sagres.

As narrações mais proximas dos trabalhos do Infante, a *Chronica* de Azurara e o livro de Diogo Gomes, não dizem uma palavra a tal respeito. Contam ser conhecida dos portuguezes a arte da construcção das cartas maritimas, ao

principiarem a faina das descobertas. Quando se tratou de resolver, na sala do conselho de D. João I, a expedição a Ceuta, o Prior do Hospital que acabara de regressar da sua viagem secreta de reconhecimento, construiu com areia, para demonstrar a possibilidade da empreza, um mappa da costa marroquina e da região fronteira de Gibraltar.

Tudo isto prova a importancia já então ligada á representação graphica da superficie terrestre. Essa importancia devia subir de ponto, quando, absorvidos pela indagação da costa da Africa, precisavamos ir registando, para futuras emprezas, tudo quanto iamos descobrindo e reconhecendo. Não deve, pois, admirar-nos o facto de o Infante empregar todos os exforços para ter ao seu lado um mestre cartographo da reputação do mestre Jayme de Mayorca.

Admittido este ponto, é facil comprehender a genese da Academia de Sagres; João de Barros, escrevendo na epocha de enthusiasmo febril pelas descobertas geographicas e no momento em que Portugal assombrava o mundo pelos seus feitos de heroicidade nunca excedida, quiz ornar com mais o titulo da gloria scientifica, o brazão da sua patria. Da vinda de Jayme de Mayorca concluiu a intenção do Infante em tornar conhecida dos seus contemporaneos a nossa sciencia cosmographica. Os historiographos pos-

teriores, por um processo elementar de amplificação, augmentaram o numero anonymo dos cosmographos chamados ao reino e, como tinham ao seu dispor a Villa do Infante, fizeram d'ella a séde d'essa academia ou côrte onde se regiam os destinos do vasto imperio do mundo por descobrir.

Nada d'isto diminue a gloria do grande Infante. Segundo a confissão de Cadamosto «o primeiro inventor d'estas navegações em os nossos tempos, e por esta parte do Mar Oceano para o Meio dia das terras dos Negros da Ethiopia, foi o muito illustre infante D. Henrique».

Foi na verdade uma obra de gloriosa invenção. Similhante á esteira phosphorescente aberta pelo navio confiado no rumo, sobre o dorso escuro do mar, em noite carregada dos effluvios da tormenta, deixou tambem um rasto seguro de luz que, illuminando as trevas da ignorancia, foi o primeiro aviso de tempestade das ideias com que o mundo moderno iria em breve subverter o antigo.

*

* *

A descoberta da ilha de Santa Maria do archipelago dos Açores em 1432 por Gonçalo Velho Cabral, foi o resultado da primeira via-

gem intencional de descoberta. «O Infante desejando conhecer as regiões afastadas do Oceano occidental, se acaso haveria ilhas ou terra firme além da descripção de Tolomeu, enviou caravellas para procurar terras».

Porque mandaria D. Henrique navegar para occidente em logar de ordenar aos seus que seguissem a costa da Africa? Evidentemente porque desejara impôr-lhes a confiança na sua empreza, antes de os tentar com a façanha, que já ruminara, da passagem do Bojador. Para a sua lucida intelligencia o temeroso Cabo era uma terra como qualquer outra; para o commum das gentes ainda tinha a protege-lo a barreira supersticiosa do sagrado terror herdado das gerações antigas.

« — E não ousas-te ainda, Gil Eannes? dizia o infante. Pois sois denodado e audacioso que eu bem sei! mas que tem esse Cabo Bojador que tal susto vos infunde a todos, assim que o divisaes ao longe?

— Senhor, redarguiu Gil Eannes, dizem que para aquelles lados a terra é mais baixa que o mar, que o sol queima as praias escalvadas e que as correntes impetuosas arrastam com irresistivel força os navios para as terriveis passagens onde a morte é certa.....»

Effectivamente foi só á segunda investida de 1433 que Gil Eannes conseguiu dobrar o

Cabo Bojador. Estava desfeito o encanto. Como a princeza dos contos arabes, adormecida por malevolo feiticeiro, acorda sorridente para consummar nupcias felizes com o valoroso cavalleiro vencedor dos maleficios e sortilegios, assim a Africa, cheia de flores e rica de promessas, despertava d'um longo somno de seculos para celebrar tambem o seu consorcio fecundo com essa raça de heroes que soubera vencer os dragões e as correntes, os phantasmas e as tempestades. «Gil Eannes ao voltar a Sagres, em signal de (a terra além do Bojador) não ser tão esterele, como as gentes diziam, trazia alli a sua Mercê em um barril cheio de terra, humas hervas, que se parecyam com outras que cá no reino tem flores, a que chamavam rozas de Santa Maria. As quaes sendo trazidas ante o infante, elle as cheirava, e tanto se gloriava de as ver como se fôra algum fructo e mostra da terra da promissão.»

Estava quebrado o encanto. Agora, aos nossos navegadores, certos do rumo e seguros do resultado, bastava afinar as agulhas de marear e seguir sempre na volta da terra para effectuar o reconhecimento do continente. Mera questão de tempo e de audacia. Audacia possuiam-na em alto grau, como ficara demonstrado; mas o tempo urgia porque o estrangeiro, assombrado com a grande descoberta e cioso da nossa glo-

ria, podia preparar as suas armadas para nos disputar a posse do universo. Por isso precipitam-se as descobertas. Em 1436, Affonso Gonçalves Baldaya descobre o rio do Ouro e faz o reconhecimento até Angra de Cavallos.

Em 1440, Fernandes prosegue até ás boccas do Senegal e em 1443 continua o reconhecimento até Cabo Verde. Em 1444, Gonçalo Velho Cabral descobre a ilha de S. Miguel. Em 1445 e 1446, Cadamosto reconhece a Costa da Gambia e a da Guiné até ao Cabo Roxo. Em 1447, Tristão e Fernandes continuam ainda o reconhecimento da costa até ao rio Tabete. Em 1449, Bruges descobre a Terceira e S. Jorge. Em 1453, completa-se a descoberta dos Açores. Finalmente, em 1460, data memoravel da morte do Infante, para que os descobrimentos do largo seguissem parallelos á investigação da costa, descobrem-se as ilhas de Maio, S. Thiago e Fogo do archipelago de Cabo Verde.

Assim terminou a epopeia do Infante. Podia repousar emfim tranquillamente no tumulo aquelle cujo «coraçom nunca soube que era medo senom de peccar».

Accusam-no de egoista, descaroavel e frio; accusam-no de ter sido a causa do desastre de Tanger e do martyrio do Infante Santo; accusam-no ainda de ter concorrido, pelo seu retrahimento, para o desastre de Alfarrobeira. Seria

tudo isso. Mas abençoado egoismo foi esse que, posto ao serviço duma vontade energica e de uma ideia generosa, deu de si figura de tão larga envergadura e produziu a obra da civilisação moderna da qual participam e onde commungam, numa festa de paz, todos os povos e todas as nacionalidades.

CAPITULO V

O caminho da India

A bulla de Calixto III expedida de Roma, em 1456, concedia á Ordem de Christo a jurisdicção espiritual sobre todos os territorios descobertos e por descobrir até á India. Bastaria este diploma pontificio, solicitado pela côrte de Portugal, para demonstrar que, apezar de não ser ainda conhecido o caminho maritimo do Oriente, se tinham formado no espirito do Infante D. Henrique, a convicção da sua existencia e o proposito de o encontrar. A designação de India abrangia, ao tempo, toda a parte sul do continente asiatico, e lá estava indicada, na tradição das viagens antigas e na relação de Marco Polo, a presença de um grande oceano lançado de Occidente a Oriente desde a costa da Arabia até aos portos da China meridional. Por outro lado, o successivo reconhecimento da costa occidental da Africa, combinado com os elementos fornecidos pelos arabes a respeito da direcção da costa do oriente, davam quasi a

certeza de que a massa total do continente se adelgaçava em ponta para o sul, ficando por essa maneira assegurada a communicação do Atlantico com oceano Indico. O mappa-mundi de Fra Mauro, publicado em 1459, registava esta conclusão, dando á Africa a forma de um grosseiro triangulo e abrindo um longo estreito de communicação entre a Ethiopia austral e a ilha de *Madeigascar*, considerada por Marco Polo como «a melhor e a maior de todo o mundo».

Quem portanto recolhesse a herança do Infante D. Henrique, havia de proseguir na senda das descobertas, obrigado pela força do movimento anteriormente adquirido. Por isso, depois de realisada, em 1461, a ultima expedição enviada pelo Infante e durante a qual Pedro de Cintra explorou para o sul mais dois graus de latitude até Cabo Mesurado, vemos D. Affonso V, monarcha de acanhada intelligencia, mais propenso a batalhas que a descobrimentos, forçado inconscientemente em 1469 a arrendar por cinco annos a Fernão Gomes o resgate da Guiné e a impor-lhe por condição principal do contracto, o reconhecimento, em cada um dos cinco annos, de cem leguas da costa. E lá seguiram prestes as caravellas de Fernão Gomes. Logo no principio do anno de 1471, os seus capitães João de Santarem e Pedro de Escobar prolongaram a exploração da costa até ao cabo

de Santa Catharina, e pouco depois descobriam-se as ilhas de S. Thomé, do Principe e as outras do golpho da Guiné.

Entretanto, surgiam graves complicações de politica externa causadas pelas pretensões de Affonso V ao throno de Castella. Toda a actividade do paiz é absorvida por essa guerra, que tem como desfecho a indecisa batalha do Toro. No animo do rei, esmorecido pelo primeiro desastre da sua vida de guerreiro, cessa a energia necessaria para continuar a imprimir o impulso ao movimento das descobertas. E' uma paralysia momentanea que termina com o advento ao throno de D. João II em 1481.

Decorridos apenas tres mezes de governo, o novo monarcha, querendo assegurar o trafico commercial da Costa da Mina, enviou a expedição de Diogo de Azambuja.

Como se sabe, d'essa expedição resultou a construcção da fortaleza de S. Jorge e a primeira povoação do nosso dominio ultramarino. Era um ponto de apoio para o nosso commercio, mas não passou de um incidente secundario na grande aventura que se avisinhava da descoberta do caminho da India. Continuou portanto em 1484 a indagação da costa ás boccas do Congo, até ao cabo Negro, por Diogo Cam. Em 1487 finalmente, o immortal Bartholomeu Dias, apoz inauditos esforços e trabalhos, ven-

cendo a hostilidade das tripulações e a furia das tempestades, consegue dobrar o Cabo Tormentoso e fazer passar a quilha dos navios portuguezes, das aguas do Atlantico para as do Oceano Indico.

Estava delineado o caminho maritimo do Oriente. O Gama, com toda a sua audacia, ao lado de Bartholomeu Dias, faz o papel de um comparsa feliz no desempenho do memoravel drama concebido pelo Infante D. Henrique, ensaiado por D. João II e posto em scena por D. Manoel, um emprezario com sorte mas dotado de mediocres talentos.

*
* *

No lucido espirito de D. João II era firme o proposito e ardente o desejo de fazer chegar á India os seus navios. Em 1484, quando veiu a Portugal o rei negro de Benim, o principal cuidado do nosso monarcha foi tirar do seu hospede e dos da sua comitiva, o maior numero de informações relativas á India e ao reino do Preste João que «além de ser christão era senhor de grande riqueza». «A qual informação, refere Gaspar Correia, fez tamanha impressão no coração a El-Rei que tomou entranhavel

vontade de mandar saber, e descobrir a India». Foi essa vontade que o determinou a enviar por mar a Bartholomeu Dias e por terra, com rumos do Oriente, os seus dois moços de estribeira, Affonso ou Gonçalo de Paiva e Pero da Covilhã, sabedores de muitas terras e conhecedores de muitas linguas. Partindo para Veneza, nas galés dos peregrinos, os dois viajantes passaram á Turquia e d'ahi, disfarçados em mercadores, dirigiram-se a Alexandria e depois a Meca onde se separaram.

Affonso de Paiva, tendo chegado a Calecut e depois de ter percorrido a costa de Cambaya em companhia de um mercador judeu, falleceu em Ormuz quando regressava a communicar a D. João II o que tinha visto e sabido. O companheiro judeu, encarregando-se de trazer essas noticias, só cumpriu a sua promessa depois de terem partido as naus de Vasco da Gama.

Pero da Covilhã tomou o caminho do Egypto e, tendo tambem percorrido muitas terras e colhido varias informações da India, internou-se na Abyssinia, nos dominios do negus christão que elle suppoz ser o verdadeiro Preste Joham, e do qual recebeu magnifico acolhimento, muitas doações de terras e mercês. Não lhe foi permittido o regresso á patria. O negus reteve-o na capital o resto da vida, fazendo-o seu primeiro ministro e principal conselheiro.

Para complemento de informações, D. João II entretinha activa correspondencia com os de Veneza e, em especial, com «um principal mercador muito seu amigo, que lhe fazia, e tratava suas encomendas, do qual tinha havido resposta em que lhe dava larga conta da India, e de suas grandes riquezas de tratos que d'ella corriam por muitos mares e terras».

Ao mesmo tempo que colhia noticias, o rei ia preparando os navios com que levaria a effeito o grande descobrimento. Abatida a madeira das mattas reaes e transportada para os arsenaes da Ribeira, começava a faina da construcção. Eram tres os navios, não muito grandes mas dotados de resistencia nunca vista até então, para poderem luctar e vencer, galgando os alterosos mares do Cabo das Tormentas. A experiencia de Bartholomeu Dias fornecera essas indicações aos mestres constructores do arsenal.

O trabalho proseguiu rapidamente, porque o pensamento do rei, convertido em ideia fixa, não consentia delongas. Fora mesmo tão grande tenacidade de pensar, dando a certeza de encontrar a India no rumo do Oriente, que já fizera perder ao rei a posse do novo mundo pela recusa das propostas de Colombo, e o caso acontecido em 1492 podia provocar, a despeito dos tratados, na côrte de Castella, a tentação de realisar primeiro a viagem maravilhosa. Era

chegado o momento solemne de pôr o glorioso remate á obra iniciada pelo Grande Infante. O destino, inconscientemente cruel, não o consentiu em vida de D. João II. Esse rei de tão larga envergadura, o maior sem duvida de quantos se teem sentado no throno das quinas, não conseguiu ver realisado um só dos planos concebidos pelo seu poderoso engenho politico. Sonhou unificar a Hespanha e viu morrer o herdeiro em cujo sceptro se deveriam fundir as duas corôas peninsulares; esmagou a nobreza e antevia para successor o representante da casta odiada com quem sustentara uma lucta de morte; e quando, depois de tantos trabalhos, aguardava a legitima alegria de ver concluida a sua empreza ultramarina, a morte implacavel, quebrando para sempre o circulo de tão alto imaginar, arrojou-o fulminado aos pés do venturoso insignificante, que nem sequer teve o merito de saber colher com proveito e administrar com juizo o producto da actividade heroica dos seus antepassados.

* * *

A estatura de Vasco da Gama diminue bastante quando, em logar de a considerarmos iso-

lada, a comparamos com a dos seus illustres contemporaneos.

Ao Capitão Mór da primeira armada da India não faltavam por certo a audacia, o heroismo e a tenacidade, qualidades communs aos homens da sua epocha. Fidalgo estimado de D. Manuel, moço, pois ainda não contava trinta annos, possuindo a sciencia do tempo como todos os nobres das côrtes da Renascença, fôra encarregado de levar a cabo a grande viagem, mais na qualidade de favorito a quem a benevolencia regia quiz galardoar serviços ainda não prestados do que na de homem amadurecido pela experiencia e, como tal, apontado para largas emprezas na opinião dos seus concidadãos.

«Os grandes do Reino, vendo o apercebimento que El-Rey fazia d'esta armada que havia de mandar descobrir, lhe falaram em alguns homens que pareciam pertencentes para isso, mas El Rey lhe respondia que já os tinha ordenado.»

Nem a empreza exigia do capitão da frota as qualidades geniaes dos inventores, pois a derrota estava conhecida e de antemão traçada, nem o proprio Vasco da Gama, durante a viagem, manifestou aptidões differentes das da energia do mando, da cega obediencia ás ordens de seu amo e senhor e da vaidade gros-

seira e brutal de se impor pela força da artilharia das naus ás gentes attonitas do oriente.

Confrontemos por exemplo a obra do Gama com a de D. João de Castro. Entre a actividade dos dois navegadores decorre o intervallo de trinta annos. A que conclusão chegamos depois de feita a consulta do «Roteiro da viagem de Vasco da Gama» e dos tres roteiros, das viagens de D. João de Castro? No primeiro, apparece desenhada a figura do Capitão Mór com as suas qualidades vulgares de homem de acção, preoccupado apenas com a ideia de chegar á almejada India para trazer de lá as amostras dos rutilos diamantes e das especiarias preciosas e conjunctamente a submissão dos reis orientaes ao poderio do monarcha portuguez.

Nos roteiros de D. João de Castro, ao lado dos graves cuidados do estadista, revela-se a cada passo a alma do sabio attrahido pelo estudo da natureza, o espirito do observador sagaz a quem não passa despercebido o menor phenomeno do céu, da terra e do mar. Cosmographo distincto, geographo erudito, physico notavel, naturalista eminente, as suas observações illustram, adiantam a sciencia do tempo e glorificam-lhe o nome exaltado ainda pela aureola da virtude que o distinguiu no governo da India. Esta, sim, é um poderosa individua-

lidade que se destaca dos contemporaneos pela sciencia, pela santidade e pelo heroismo.

Na armada sahida do Restello a 8 de julho de 1497, navegava de conserva uma caravella empregada na carreira ordinaria do trafico da Costa da Mina. Era um navio sem nome conhecido, mas levava a bordo, por commandante, o verdadeiro heroe da descoberta que ia effectuar-se. Bartholomeu Dias seguia na esteira das naus do Gama! Quando chegassem á Mina, deveria ficar para traz, entregue ao commercio da costa, aquelle que mais para deante caminhara na exploração dos mares desconhecidos! O caso estava na logica dos acontecimentos futuros. Bartholomeu Dias era o primeiro na serie dos que receberiam affrontas em paga dos serviços prestados ao monarcha egoista e mal agradecido.

Não vale a pena contar a viagem do Gama. É por demais sabida, depois de ter assumido epicas proporções no estro do nosso primeiro poeta, illudido pela falsas apparencias dos acontecimentos historicos. Para nós representa a chave da abobada laboriosamente construida sobre os alicerces cimentados com a energia do Infante D. Henrique e do povo portuguez. Para o effeito dos progressos geographicos tambem nada trouxe de novo. Serviu apenas de demonstração directa dos conhecimentos adquiridos pelos viajantes e cosmographos da gera-

ção anterior. Teve porém um alcance decisivo e dominador de todos os interesses. Deu brado na Europa, porque fez do rei de Portugal o patrão da primeira casa commercial do globo e tornou Lisboa a successora feliz das cidades mediterraneas, o centro cosmopolita onde viriam congregar-se, na febre do ganho, as raças mais diversas e as gentes mais desvairadas.

*
* *

A aventura de Cabral no anno de 1500 teve mais alta significação e maior influencia no desenvolvimento da sciencia geographica. Completando a descoberta de Colombo, deu-nos a maior parte do continente sul-americano e entregou-nos uma vasta extensão de territorio onde fizemos a prova completa das nossas aptidões de raça colonisadora. Foi a semente da nossa maior riqueza ultramarina e, ainda hoje, apesar da independencia, apesar dos erros commettidos pelos nossos estadistas, o Brazil é a nossa melhor colonia. A corrente de emigração annual, dirigida para as terras brazileiras, longe de ser totalmente desviada em proveito das possessões africanas, deveria ser regulada por maneira a conservar um minimo de emigrantes

que sustentassem por lá o prestigio da nossa raça, a supremacia da nossa lingua e continuassem canalisando para a metropole o veio das riquezas adquiridas pelo seu trabalho. Pelo contrario, a Africa, ainda por desbravar, exige de entrada grandes capitaes que o emigrante, na maior parte dos casos, não tem á sua disposição. Emquanto o clima do littoral se não modificar pela acção de efficazes providencias sanitarias, emquanto as grandes companhias não arrotearem os vastissimos territorios, emquanto se não subdividirem as operações de commercio, emquanto se não transformarem todas essas condições, actualmente hostis ao desenvolvimento social da raça branca, de modo a assegurarem a existencia dos pequenos industriaes, dos modestos agricultores e dos humildes commerciantes, a Africa continuará sempre sendo o problema fundamental da nossa administração e tambem o encargo mais pesado do nosso orçamento.

Mas voltemos á viagem de Cabral.

Ainda não ha muitos annos que a descoberta do Brazil era um problema geographico a resolver. Os documentos deixados pelos contemporaneos contavam a historia como um incidente fortuito na viagem da armada commandada por Pedro Alvares Cabral e sahida de Lisboa em 1500 com rumo da India.

No Tomo II da «*Collecção de noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas*», publicado em 1812 pela «Academia Real das Sciencias» encontra-se a «Navegação do capitão Pedro Alvares Cabral» escripta por um piloto portuguez, companheiro do illustre navegador.

Essa testemunha, depois de fixar a partida do Restello a 9 de março e de registar a chegada a Cabo Verde no dia 22 do mesmo mez, refere o successo da descoberta do seguinte modo: «Aos vinte e quatro de abril, que era uma quarta feira do Oitavario da Paschoa houvemos vista da terra; com o que tendo todos grandissimo prazer, nos chegamos a ella para a reconhecer e achando-a muito povoada de arvores, e de gente que andava pela praia, lançámos ancora na embocadura de um pequeno rio».

Gaspar Correia, apezar da diffusão e redundancia caracteristicas do seu estylo, tambem nas «Lendas da India» dedica muito poucas palavras ao importante descobrimento. Contando que a armada de Cabral se dirigira primeiro ás ilhas dos Açores «para que os ventos lhe fossem mais largos para navegar para o Cabo», dizendo que a derrota se fazia por simples estimativa «porque ainda então não sabiam o tomar da altura do sol, nem acertavam, sómente tinham agulhas de navegar para conhecimento dos ven-

tos», refere em seguida: «e sendo na linha da Guiné, tiveram chuveiros com pés de vento fortes, com que todos amainavam. A nau de Pero de Figueiró, que a andar teve a vela, um pé de vento a sossobrou, que não foi vista com a grande cerração da chuva que, sendo passada, nunca mais a viram; e querendo o Capitão-Mór voltar em sua busca, lhe disse o piloto que não perdesse caminho, porque se a nau não houvera desastre ávante havia d'ir, e a acharíam, porque ella havia de ter a vela por andar, e passaria que a não vissem com a cerração da da chuva: e assi foram seu caminho, que logo veiu bom vento, correndo quanto podiam para barlavento, com que correram passante de um mez.

A Capitania que ia deante, amanhecendo um domingo houve vista da terra a barlavento, ao que fez signal com tiro de berço, e foi correndo para ella, e a descobrindo, que era grande costa, terra nova, que nunca fora vista, e sendo perto, correndo ao longo d'ella, viram grandes arvoredos; e sendo já tarde viram uma grande bahia, onde o Capitão Mór entrou com o prumo sondando».

Da leitura d'estes singelos documentos ninguem podia tirar legitimamente a consequencia de ter sido premeditada a aventura do Brazil, tanto mais que a armada de Cabral, composta

de treze navios, não tinha a apparencia habitual das expedições enviadas á descoberta. Tres ou quatro caravellas bastavam para esse effeito e a audacia dos navegadores, centuplicando as forças da esquadra, imprimia-lhe a potencia necessaria para derrubar todos os obstaculos e vencer todas as difficuldades.

Tambem o natural alvoroço produzido nas tripulações pela abordagem á nova terra não chegou a attingir o calor enthusiastico despertado pelas descobertas consideradas de grande alcance; e demais, a resolução tomada pelo Capitão Mór de enviar a Portugal um emissario, em logar de ser elle proprio o portador da boa noticia, parece demonstrar a sua indifferença, verdadeira ou fingida, perante tão grave acontecimento cuja importancia desconhecia.

A consideração de todos estes motivos estabeleceu a opinião corrente de que a descoberta do Brazil fôra meramente occasional. A ignorancia da arte de navegar, as tempestades colhendo de subito as naus e obrigando-as a correr desarvoradas na direcção do vento, o impulso da corrente equatorial do Atlantico, orientada de leste para oeste, eram as causas claras e sufficientes da explicação do successo.

Apesar d'isso, o espirito critico de varios escriptores, não se conformando com a ideia de que Pedro Alvares Cabral tivesse sido apenas

um inconsciente bafejado pela sorte, começou a insurgir-se contra a explicação commum. De prova negativa poderia servir a mesma circumstancia da extrema parcimonia dos documentos coetaneos que nem affirmavam nem negavam a intenção no descobrimento. Depois, lá estava a passagem do «Esmeraldo de situ Orbis» demonstrando que já, em 1498, D. Manoel mandara Duarte Pacheco descobrir terras para Occidente e portanto que no espirito dos navegadores portuguezes havia grandes presumpções da existencia, para sudoeste, de um grande continente. Restava portanto examinar a influencia das correntes e das tempestades como agentes fortuitos do achado de Cabral.

Um distinctissimo official da nossa marinha, o sr. Arthur Baldaque da Silva, encarregou-se de demonstrar a impossibilidade de os navios de Cabral serem arrojados pelas tempestades sobre as costas brazileiras, visto que, na Zona do Atlantico e na quadra do anno em que se effectuou a viagem, os ventos reinantes deveriam produzir o effeito contrario de os desviar d'essas costas.

A corrente equatorial tambem não resistiu á critica scientifica. Como essa corrente se confunde com a linha do Equador, a explicação seria plausivel no caso de Cabral abordar a costa na altura do Pará. Ora a corrente divi-

de-se em dois ramos no Cabo de S. Roque; o ramo septentrional segue ao longo da costa das Guyanas e penetra no golpho do Mexico onde vae formar o *Gulf-Stream*, e o ramo meridional, a principio parallelo, mas distante da costa do Brazil, vae-se desviando cada vez mais d'ella no seu trajecto descendente. N'estas condições, o navio que pretendesse navegar para o Cabo da Boa Esperança, isto é, que não tivesse o proposito de abordar á costa brazileira na latitude de 16° S., latitude d'onde a esquadra de Cabral avistou terra pela primeira vez, seria, entregue ao sabor dos ventos e das correntes, arrastado por força para o rumo de sudeste.

Depois d'isto, só um erro na derrota poderia continuar a sustentar a hypothese da descoberta fortuita. Erro inaudito e incomprehensivel pela sua persistencia durante muitos dias e por ter sido praticado por um navegador que, tendo conduzido com segurança os seus navios até Cabo Verde, se enganara precisamente no momento e no logar onde existia a terra desconhecida cujo descobrimento devia immortalisar-lhe o nome!

A relativa indifferença de Cabral e das tripulações á vista da terra do Brazil, explica-se pela natureza secreta d'essa missão e sobretudo pelas condições especiaes em que navegava a grande armada.

Em consequencia do tratado de Tordesillas celebrado, perante o Papa Alexandre VI, entre D. João II e os reis catholicos, o mundo a descobrir tinha sido dividido em duas partes iguaes por um meridiano traçado 370 leguas a occidente de Cabo Verde.

As descobertas effectuadas a oriente pertenceriam a Portugal; as correspondentes á metade occidental ficariam na posse da Hespanha. Como todos os tratados, esse, tendo já annulado uma bulla pontificia favoravel aos interesses de Castella, continha clausulas dubias e outras de effeito transitorio. Os reis hespanhoes julgavam-se com direito de vigiar os movimentos das nossas armadas quando ellas navegavam com rumo do occidente. Não deve portanto admirar-nos o facto do Capitão-Mór permanecer quasi impassivel ao realisar a sua descoberta e continuar seguindo a derrota da India, visto ser necessario deixar ao tempo e á habilidade da diplomacia o encargo de consolidar, no nosso poderio, a nova terra tão felizmente encontrada.

O fraco enthusiasmo das tripulações, revelado na concisão dos documentos contemporaneos, teve a sua razão de ser na ambição do lucro, o sentimento mais egoista do coração humano.

A armada aprestara-se com o intuito ostensivo de entabolar relações commerciaes com a India.

Eram muitas as naus e todas apercebidas de petrechos de guerra para defender as cargas preciosas e de montões de fazendas e productos das industrias da Europa, objectos necessarios ás operações do trafico. As soldadas pagas aos tripulantes em Lisboa tinham sido avultadas, mas no espirito de cada um ardia por certo a febre de trazer do oriente uma parcella das fabulosas riquezas, perolas ou diamantes, tecidos ou especiarias, parcella sufficiente para assegurar no regresso, depois de tantos trabalhos e perigos, a tranquillidade do resto da existencia. De que serviriam novas terras, se tantas possuiam e em nenhuma se suspeitava ainda a existencia do oiro? A India chamava-os, attrahia-os com a seducção dos seus esplendores e o enthusiasmo da nova descoberta mal conseguia desfranzir os labios n'um sorriso de contentamento.

Por isso, volvidos oito dias empregados em renovar a aguada e em refrescar os homens com os abundantes productos da terra, fizeram-se de novo á véla para demandar o Cabo da Boa Esperança.

*

* *

Foi ainda no caminho da India que as successivas armadas encarregadas de proteger o

nosso commercio oriental descobriram novas terras e dilataram os horizontes geographicos. Em 1501, João da Nova encontrava, na ida, a ilha de Ascensão e no regresso, a de Santa Helena. Em 1506, Tristão da Cunha, acossado por uma violenta tempestade, quasi perdido nas vastas solidões do oceano austral, abordava á pequena ilha designada hoje pelo nome do seu descobridor.

Parecia que o mundo não acabava! As proas dos navios portuguezes, desflorando a virgindade dos mares, fecundavam de subito a liquida campina e faziam brotar n'ella, como por encanto, ilhas e continentes, terras nunca entrevistas ou presentidas nos sonhos delirantes do periodo mythologico e conjectural da geographia.

E o mundo não acabava por certo! O mar do extremo oriente conservava occulto o segredo dos seus archipelagos distribuidos ás mãos cheias pela summa providencia do Creador. Quem sondaria esse mysterio? Na enorme amplidão do Oceano Indico principiava a crescer e a avolumar-se o vulto gigantesco de Affonso de Albuquerque, o terceiro vertice, no firmamento da nossa Historia, do triangulo astral completado pelo Infante D. Henrique e por D. João II. Foi a sua obra de colosso, a construcção genial do maior imperio dos tempos

modernos, apoiada nos tres alicerces de Ormuz, Goa e Malacca que abriu as portas do Pacifico á exploração dos nossos navios.

Durante o governo de Albuquerque, estreitaram-se relações com todos os rajahs da costa e por consequencia foram-se conhecendo as regiões littoraes do mar das Indias; succederam-se as embaixadas e as missões para o interior da China e da Indo-China; e como isso não bastasse, logo no mesmo anno da occupação de Malacca em 1511, Antonio de Abreu é enviado para oriente á descoberta das ilhas das especies. Quando voltava em 1512 com a noticia de ter reconhecido a costa de Sumatra, de Java, das outras ilhas do archipelago de Sunda e ainda de algumas ilhas do archipelago de Banda, tambem Francisco Serrão tinha chegado a Ternate, ás preciosas ilhas da noz e do cravo do archipelago das Molucas.

São estes os pontos extremos das aventurosas navegações portuguezas para o Oriente, servindo de epilogo ao desenvolvimento do plano delineado pelo Infante navegador.

No intervallo decorrido entre a descoberta de Cabral e a chegada de Serrão ás Molucas, continuara o reconhecimento da costa da America do Sul. Era um caminhar, em duas direcções oppostas, favoravel, como trabalho preparatorio, á primeira viagem de circumnavegação. O

irrequieto Magalhães, ambicioso e audaz, já dera que fallar na India pela violencia do seu temperamento. Em breve daria que fallar ao mundo inteiro pela persistencia da sua energica vontade posta ao serviço da realisação d'um plano de genio. Vamos seguir o grande navegador na viagem assombrosa onde encontrou o duplo triumpho da gloria e da morte. Se para nós, portuguezes, o brilho da sua descoberta é ligeiramente empanado pela ingratidão de ter ido, sem motivo plausivel, offerecer-se ao paiz rival da visinha Hespanha, perante o interesse superior da civilisação devemos curvar-nos reverentes e desculpar, no homem, os defeitos que muitas vezes são virtudes na pratica dos grandes emprehendimentos.

Agora é que vae acabar o mundo. Aberta a communicação do Atlantico com o Pacifico, definem-se os limites da Terra, mede-se a circumferencia do Globo e a humanidade abrange pela primeira vez a extensão total do acanhado Planeta, em que as gerações se succedem ás gerações, no desenrolar incessante da evolução historica.

CAPITULO VI

Fernão de Magalhães

As descobertas de Colombo e de Cabral não deram logo a certeza da existencia d'um grande continente e provocaram continuas explorações ao longo da costa americana. Quando Colombo chegou á ilha de Guanahani das Lucayas e, pouco depois, á costa septentrional de Cuba, suppoz ter encontrado o caminho occidental da Asia. Tomou Cuba pelo paiz de Cipango (Japão) e o rosario das Bahama pelas ilhas do Mar da China. Tambem Cabral acreditou ter abordado a uma grande ilha, proxima talvez da terra antichtona da geographia medieval. Como essas duas viagens se tinham feito no rumo do occidente e a primeira deu causa ao tratado de demarcação das descobertas entre Portugal e a Hespanha, os navegadores portuguezes e hespanhoes, alem d'outros estrangeiros, não descançaram na faina do reconhecimento da costa oriental da America.

Em 1501, passados poucos mezes sobre a

descoberta do Brazil, o açoriano Gaspar Corte-Real, navegando para o norte, encontrava a terra do Lavrador. Iria talvez com o proposito de descobrir a via maritima septentrional da ambicionada Asia. A tradição antiga de o Mar Baltico communicar com o oceano oriental incitava ao descobrimento, e a prova de ser esta a intenção de Corte-Real está na realisação da sua segunda viagem. Subindo mais para o norte, tentou abrir caminho para occidente e foi, com toda a probabilidade, esmagado pelos gelos da bahia de Hudson.

Tiveram maior successo as expedições lançadas no caminho de Cabral. Em 1501-1502, Americo Vespucio, pilotando os navios portuguezes, dirige-se ao Cabo de S. Roque e reconhece a costa até 35° S. Em 1503-1504, o mesmo Vespucio e Gonçalo Coelho descobrem a ilha de Fernando Noronha e exploram a parte do littoral comprehendida entre a Bahia e o Cabo Frio.

Estas duas viagens, combinadas com os resultados fornecidos pelas de Corte-Real e outros navegadores, estabeleceram emfim a convicção de que a terra descoberta por Colombo era um continente novo, distincto da Asia.

Fôra grande o effeito produzido pelas navegações de Vespucio. As suas cartas, apenas conhecidas, tornaram-se famosas em toda a Eu-

ropa. Tão famosas que o celebre cosmographo allemão, Martinho Waldssemüller, conhecido mais vulgarmente pelo nome de Hylacomylus, no seu opusculo publicado em 1507, intitulado «*Cosmographiae Introductio cum quibusdam geometriae ac astronomiae principiis ad eam rem necessariis*» promettia fazer a versão latina das alludidas cartas e propunha, em honra do auctor, a palavra America para designação do novo continente. O mundo culto acceitou a denominação proposta e, como ninguem se lembrou de reclamar os direitos de Colombo, assim se cometteu a grave injustiça de preferir o nome de um adventicio ao do verdadeiro descobridor do Novo Mundo.

A individualidade de Vespucio, os seus trabalhos geographicos e a sinceridade das narrativas contidas nas suas cartas, teem dado logar a discussões scientificas notaveis entre os escriptores nacionaes e extrangeiros. O mallogrado Pinheiro Chagas, cujos trabalhos seguimos na parte relativa á descoberta do Brazil, tentou levantar os creditos de Vespucio violentamente atacados pelo visconde de Santarem na sua obra *Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Américic Vespuce et ses voyages.*

É possivel que Santarem, conhecendo os estudos de Ernesto do Canto sobre as viagens

dos açorianos, modificasse um pouco as suas ideias sobre a falta de seriedade de Vespucio. Todavia não podemos concordar em absoluto com a conclusão d'aquelle illustre filho dos Açores pretendendo fazer das explorações dos seus conterraneos a base da descoberta da America. Colombo residiu e sustentou relações com a gente da Madeira e Açores. Casou com Philippa Moniz Perestrello, filha do celebre Bartholomeu Perestrello e teve, ao certo, conhecimento das expedições açorianas partidas á descoberta de terras para occidente. Tambem Martim da Bohemia residiu nos Açores e possuiu a convicção de existir um caminho occidental da Asia.

O que faz a gloria de Colombo é a exteriorisação do seu pensamento fixo na actividade desenvolvida para o pôr em execução. Um artista, com ser genial, permanece ignorado, se não objectivar as suas creações. No cerebro dos muitos cosmographos, podia existir e existiria talvez a convicção da existencia da America, e todavia a immortalidade estava reservada para aquelle que tornasse tangivel a sua realidade pela descoberta effectuada aos olhos do mundo absorto. E depois que somma de esforços e firmeza de constancia não seria preciso empregar para conseguir o emprestimo dos navios necessarios á empreza!? Recusa de principes, annos

passados em vão na esperança d'um acaso da fortuna, diligencias sem conto para tornar contagioso o pensamento fecundo, responsabilidades tremendas a tomar pelo incerto resultado, reluctancia das tripulações assustadas com a demora da viagem, tudo isso seriam obstaculos, insuperaveis para um caracter vulgar, e todos foram removidos por Colombo com a força da fé que levanta montanhas.

Deixemos portanto a honra da descoberta áquelle a quem pertence de direito.

Vespucio foi um navegador illustre, e entretanto a simples leitura das suas cartas suscita no espirito de quem as lê a duvida sobre a tenacidade do seu auctor, transparecendo, a cada passo, o desejo de pôr em relevo os seus meritos pessoaes antes de tudo e acima de tudo.

Por isto, Vespucio, apesar de bastante rehabilitado, ainda hoje não gosa de inteiro credito. As suas viagens de 1497-1498 da Venezuela e em torno do Golpho do Mexico e a de 1500 na Companhia de Pinzon desde o Cabo de Santo Agostinho até á foz do Amazonas, Guyana e Antilhas, são por muitos escriptores consideradas apocryphas. Verdadeiras ou falsas, provam no entanto o desejo que então havia de apressar o reconhecimento do Novo Continente.

Castella, ciosa das nossas descobertas, não se poupa a esforços. Em 1508-1509, Juan Diaz de

Soliz e Vicente Pinzon descem até 40° de latitude Sul. Em 1515-1516, o mesmo Soliz, navegando direito ao Cabo Frio, continua a exploração da America Meridional e, tendo visitado a ilha dos Patos, descobre o Rio da Prata ou Mar Doce onde encontrou a morte.

São estes os pontos mais avançados das explorações americanas até ao memoravel anno de 1519. Restava liga-los, por uma viagem atravez, do Pacifico, ás terras extremas do Oriente, ás ilhas das especies reveladas ao mundo pelas navegações portuguezas.

O heroe d'essa aventura, prodigiosa pela audacia, dramatica pelas peripecias e fecunda pelos resultados, foi ainda o portuguez Fernão de Magalhães.

* * *

Fernão de Magalhães, fidalgo da segunda nobreza, transmontano de origem, e, por estes motivos, pundonoroso nos brios e tenaz nas resoluções, fizera a sua educação pratica de viajante e marinheiro nas armadas de D. Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque. Depois de ter tomado parte na empreza de Malacca e de acompanhar Francisco Serrão na viagem a Ternate, regressou á patria e obteve, em

paga dos seus serviços, a inscripção do seu nome nos livros dos moradores da casa de el-rei com a pensão mensal de mil réis, augmentada d'ahi a pouco com mais oitocentos e cincoenta réis. Este primeiro resultado não satisfazia a ambição e o genio aventuroso de Magalhães. Logo em 1514 praticou feitos de valor na expedição dirigida contra os mouros de Marrocos. Voltando de novo á patria, solicitou de D. Manuel augmento da pensão mensal, mais talvez pelo desejo de se vêr acrescentado em honras do que propriamente movido pela ambição pecuniaria. Em consequencia de intrigas palacianas viu-se repellido pelo rei. O caso não é para surprezas, visto ter acontecido o mesmo a Duarte Pacheco e a Affonso de Albuquerque. Na vida de Magalhães attinge uma importancia capital por ser o facto determinante da resolução de abandonar a vida da côrte e de se dedicar aos estudos theoricos da cosmographia e da nautica, necessarios ao amadurecimento do plano que, ao certo, já trazia em vista.

Varias circumstancias favoreceram o seu intento. Francisco Serrão continuava a escrever-lhe do Oriente, enviando noticias das Molucas e dos archipelagos das especies. Pela convivencia com os cosmographos mais notaveis do paiz deparara-se-lhe o ensejo de contrahir relações com o celebre Rodrigo Faleiro da Covilhã, cuja in-

tervenção é preponderante na sua viagem. As explorações da costa americana continuavam proseguindo e, com ellas, a esperança de se encontrar uma passagem occidental que permittisse chegar á India por via maritima. De tudo isto nasceu a concepção nitida e a deliberação formal da realisação da viagem. N'este momento, o sentimento de fidelidade á patria, já esmorecido na alma de Magalhães pela ingratidão do rei, esfria ainda mais porque a região onde havia de effectuar-se a empreza estava, pelo tratado de Tordesillas, sob a esphera da influencia de Castella.

Tomou, portanto, a resolução de abandonar Portugal e de passar ao serviço da Hespanha.

Considerado á luz das ideias modernas, o facto não teria a gravidade que então assumiu. Hoje, é vulgar os individuos cortarem as relações politicas com o seu paiz natal e adquirirem, pela naturalização, fóros de nacionaes nos paizes que livremente escolheram para nova patria de adopção. A Magalhães tambem não esqueceu o desnacionalisar-se portuguez pela solemnidade de actos publicos. Os seus brios de fidalgo traçavam-lhe esse proceder. Entretanto a opinião publica da epocha alcunhou-o de traidor, e, ou seja porque os contemporaneos sinceramente o sentissem, ou porque o patriotismo nacional se julgasse ferido pela gloria

adquirida por um portuguez em beneficio do paiz rival, é certo que o caracter de Magalhães ainda não conseguiu lavar-se da nodoa da deslealdade praticada em desprestigio da terra que o viu nascer.

Como acontece a todas as grandes emprezas, não faltaram a esta obstaculos sem numero. A despeito do auxilio do seu compatriota Diogo Barbosa, de Juan de Aranda, feitor da Casa da Contractação de Sevilha e do Bispo de Burgos, membro do conselho das Indias, Magalhães teve de gastar muito tempo e diligencias para conseguir de Carlos V o auxilio necessario á execução do seu plano. Emfim, a 22 de março de 1518, celebrou-se entre elle, Faleiro e a Corôa de Hespanha, o contracto que concedia aos dois primeiros a quinta parte dos lucros da viagem e a vigesima parte do rendimento das ilhas descobertas. A Magalhães, alem de varias honras e dignidades, ficára o commando supremo dos navios destinados a procurar a passagem da costa americana e, por ella, a fazer a viagem, pelo occidente, ás ilhas das especies.

Divulgada a noticia do contracto, a côrte de Portugal procurou embaraçar por todas as maneiras os projectos de Magalhães. Solicitações directas perante o navegador, conspirações contra a sua vida, instantes representações diplomaticas feitas pelo embaixador portuguez a

Carlos V, motins populares provocados durante os trabalhos do apercebimento da armada, tudo isso empregou D. Manoel e tudo isso venceu a fé persistente e a vontade energica de Magalhães.

Approximava-se o momento solemne da partida. Em S. Lucar de Barrameda, ancoravam, com mantimentos para dois annos e 234 homens de tripulação, mesclada de hespanhoes e portuguezes, os cinco pequenos navios que, dentro em pouco, haviam de dar a demonstração directa da esphericidade do globo terrestre.

* * *

A esquadrilha, composta da *Trindade, Santo Antonio, Conceição, Victoria* e *Santiago,* tinha, respectivamente, por capitães a Fernão de Magalhães, João de Cartagena, Gaspar de Quesada, Luiz de Mendoza e João Serrano. Levava tambem a bordo duas figuras notabilissimas. Uma era Duarte Barbosa, o celebre viajante e informador impressionista das paisagens do Oceano Indico; a outra, era Antonio Pigaffetta, que mais tarde havia de contar a dramatica e gloriosa viagem.

Partiram a 20 de setembro de 1519, dirigin-

do-se directamente a Cabo Verde e ao Cabo de Santo Agostinho. Inaugurada com bons auspicios, a viagem tornou-se, em breve, difficultosa, não tanto pelos obstaculos naturaes, como pelo ciume do capitão da *Santo Antonio,* que não podia resignar-se a obedecer, sem reparos, ás ordens do commandante em chefe. Na altura da Guiné, Magalhães, castigando uma infracção da disciplina de bordo, tomou a resolução de prender João de Cartagena, substituindo-o no commando da *Santo Antonio,* pelo contador da armada, Antonio de Coca.

Continuou, em seguida, a viagem, sem incidente de maior, ao longo da costa do Brazil. Depois de curta demora no porto do Rio de Janeiro, onde renovaram a aguada e a provisão dos mantimentos, chegaram a 10 de janeiro de 1520 á foz do Rio da Prata. Ahi, Magalhães destacou a *Santiago* em viagem de reconhecimento ao longo do rio, com o fim de examinar se haveria alguma passagem que tivesse escapado á exploração de Solis.

No principio de fevereiro recomeçou a navegação para o sul e foram cuidadosamente sondadas todas as anfractuosidades da costa. Como a terra era explorada pela primeira vez, o cuidado na investigação augmentava com a esperança da descoberta do estreito ou passagem, fim principal da empreza. A crença no exito

augmentava tambem no espirito do chefe á medida que, vencendo as correntes e as tempestades, ia verificando, pela inclinação da costa, o facto de o continente se adelgaçar gradualmente para o sul, reproduzindo a forma conhecida da Africa.

D'este modo, corridos os golphos de S. Matheus e S. Jorge, chegaram à 31 de março ao porto de S. Julião.

Approximava-se o inverno das regiões austraes. O aspecto da costa desolada e triste e a queda das primeiras neves resolveram Magalhães a escolher esse ponto para passar o inverno. Tal decisão, acompanhada da ordem terminante de reduzir as rações, ia deitando a perder a expedição. As desintelligencias entre os tripulantes portuguezes e os hespanhoes e o jugo de ferro do capitão augmentaram o fermento da revolta, que rebentou logo no dia seguinte ao da chegada a S. Julião.

Magalhães, desconfiado da lealdade de Antonio de Coca, tinha confiado, no Rio de Janeiro, o commando da *Santo Antonio* a seu primo Alvaro de Mesquita. João de Cartagena continuava preso.

Ora, n'essa mesma noite de 1 de abril, emquanto Magalhães dormia socegadamente a bordo da *Trindade*, Gaspar Quesada, commandante da *Conceição*, combinado com Luiz de

Mendoza, o da *Victoria,* dava a liberdade a João de Cartagena e, juntos, assaltaram a *Santo Antonio,* cujo capitão, colhido de surpreza, foi preso e posto a ferros. No dia seguinte os revoltosos, julgando-se seguros do triumpho, tiveram a audacia de enviar a Magalhães um parlamentario encarregado de dictar-lhe as condições da capitulação que pretendiam impor-lhe. Não contavam com a energia e resolução do commandante. Em logar de transigir com a revolta resolveu dominal-a. Pondo em pratica um plano rapidamente concebido, destacou uma chalupa guarnecida de seis homens seguros com a missão de transmittir a Luiz de Mendoza a ordem de vir apresentar-se-lhe logo. Quando o capitão da *Victoria* lia com um riso de escarneo a ordem de Magalhães, um dos marinheiros apunhalava-o e ao mesmo tempo Duarte Barbosa, enviado em soccorro da chalupa com quinze homens fieis, apoderava-se da *Victoria* e entregava-a de novo ao commandante. Em poder de Cartagena e Quesada ainda tinham ficado a *Conceição* e a *Santo Antonio.* Vendo a impossibilidade de dobrar a resistencia de Magalhães, decidiram regressar a Hespanha. Mas o chefe, resolvido a dar um exemplo severo, fez-lhes abortar o projecto, fechando-lhes a sahida do porto com os tres navios que lhe obedeciam. Na noite de 3 de abril, quando a *Santo*

Antonio, soltando as velas, pretendia illudir a vigilancia de Magalhães, este recebeu-a com fogo de artilheria e mandou proceder a abordagem. Então as tripulações revoltadas submetteram-se emfim. Não se fez esperar o castigo. Magalhães ordenou que o cadaver de Luiz de Mendoza fosse desembarcado e esquartejado, condemnou á morte Gaspar de Quesada que foi decapitado e abandonou n'aquella terra deserta a João de Cartagena e ao capellão Pedro Sanches de la Reina, um dos principaes fautores da revolta.

Restabelecida a disciplina de bordo, Magalhães não quiz perder tempo na ociosidade durante a demora occasionada pelo inverno. Determinou enviar a *Santiago* do commando de João Serrano em viagem de exploração á parte meridional da bahia de S. Julião.

Batido pelos temporaes, o pequeno navio não poude resistir e naufragou no porto de Santa Cruz. A tripulação salvou-se e, sem perder um só homem, conseguiu reunir-se ao resto da esquadrilha.

A 24 de agosto continuou a viagem para o Sul. Ficavam agora Serrano com o commando da *Conceição*, Alvaro de Mesquita com o da *Santo Antonio* e Duarte Barbosa com o da *Victoria*.

A navegação proseguiu regularmente, cin-

gida á costa, no rumo da primeira viagem de Serrano, quando de repente, um medonho temporal, desencadeando-se sobre a armada, esteve a ponto de a fazer sossobrar. Foram tão grandes as avarias que, para as reparar, Magalhães viu-se obrigado a demorar-se perto de dois mezes no rio de Santa Cruz. Só a 18 de outubro recomeçou a viagem. Decorridos quatro dias empregados a luctar contra os ventos contrarios, a esquadrilha chegou, emfim, a 21 de outubro, ao Cabo das Virgens, á abertura oriental do estreito tão anciosamente procurado.

Os dois primeiros navios enviados ao reconhecimento do estreito, a *Santo Antonio* e a *Conceição,* julgaram-no a principio fechado; mas, em breve, o alargamento successivo das bahias, as sondagens praticadas muitas vezes sem acharem fundo e a existencia de correntes, firmaram a convicção de que o canal abria a poente n'um mar desconhecido.

Communicada a noticia a Magalhães, resolveu este continuar a viagem, ouvido previamente o conselho da armada reunido a bordo da *Trindade.* Foi n'esse conselho que mais uma vez se manifestou a teima heroica de Magalhães, quando, respondendo ás considerações de Estevam Gomes tendentes a demonstrar a inconveniencia de proseguir na viagem com viveres para tres mezes apenas, declarou perem-

ptoriamente que seguiriam avante, ainda «que tivessem de comer os couros que forravam as antennas dos navios.» E a acção seguiu logo as palavras. Voltando as proas para o estreito, os navios continuaram singrando pela tortuosa passagem, explorando tudo, examinando os accidentes da costa e os phenomenos do mar. N'um d'esses reconhecimentos a tripulação da *Santo Antonio* que tinha ficado para traz, revoltando-se, prendeu Alvaro de Mesquita por suggestão do piloto Estevam Gomes e voltou para Hespanha a accusar Magalhães da ruina da expedição. A esquadrilha ficou assim reduzida a tres navios. Consultado o cosmographo André de S. Martinho, que deu o parecer de continuar a viagem, apesar da deficiencia de mantimentos, a armada acabou de passar o estreito e a 28 de novembro, dobrado o Cabo Desejado, surgia finalmente na immensidade do Pacifico.

Este nome de Pacifico, dado pela primeira vez ao maior oceano da terra, correspondia a uma verdade da natureza physica, e era o agouro inconsciente do proximo destino de Magalhães.

Tinham amainado as tempestades revoltas do estreito e deante das quilhas dos navios estendia-se a campina infinita das aguas mais tranquillas. Tambem agora, cumprida a agitada

navegação dos asperos estreitos da vida, só restava ao heroe, como premio do seu esforço, entrar para sempre na paz solemne do grande Oceano da morte!

*
* *

A esquadrilha tomou o rumo do norte e, navegando junto á costa, chegou á latitude de 37° S. sem perder de vista as cumiadas dos Andes Meridionaes. Ahi, a desolação da terra impossibilitou a renovação das provisões de bordo e obrigou os navegadores a tomarem a direcção noroeste do presumido caminho das Molucas. Foi uma derrota de quarenta dias interminaveis pela somma de angustias padecidas. A fome, a sêde e a doença entraram com as tripulações exhaustas. Por alimento tinham a bolacha reduzida a pó pelo trabalho dos vermes, o couro das vergas das naus, amollecido nas aguas do mar, e serradura de madeira; por bebida, o resto da aguada, um liquido infecto e putrido. Por isso, o escorbuto flagellava os marinheiros, matando muitos e atacando os outros. Só Magalhães permanecia insensivel á fome, á fadiga, aos soffrimentos. O goso interior de ver consummada a sua obra centuplicava-lhe as forças e, por certo, a visão poderosa do seu genio completava-lhe na mente o resto do ca-

minho a percorrer para acabar de cingir o globo com a primeira viagem de circumnavegação.

A 13 de fevereiro de 1521 passaram o Equador ao norte do archipelago das Fenix. A navegação, em logar de seguir a linha equinoxial, continuou rumada a noroeste, na esperança talvez de encontrar alguma terra prenunciadora da Asia. Na latitude do archipelago de Marshall, não entrevisto, seguiram direitos a occidente, até que, a 6 de março, abordaram á ilha de Guam, a mais meridional do grupo das actuaes Marianas, baptisadas então pelos descobridores, primeiro com o nome de ilhas das Velas Latinas, e depois, por causa da rapacidade dos indigenas, com a designação de ilhas dos Ladrões.

Depois de curta demora necessaria á renovação dos mantimentos, partiram a 9 de março com rumo de sudoeste, e a 16 do mesmo mez chegaram á ilha de Samar, do archipelago a que Magalhães poz o nome de S. Lazaro (hoje das Philippinas). Tinham assim ultrapassado a occidente a longitude das Molucas.

Os indigenas, mais affaveis que os das ilhas dos Ladrões, em breve se familiarisaram com os europeus. Levaram-nos á ilha de Zaluan e, em seguida, á pequena ilha de Masaguá. Dahi, acompanhados pelo respectivo rei, passaram á ilha maior de Zebu.

Foi tão festivo o acolhimento do rei de Zebu que Magalhães entendeu dever servir-se da sua influencia em beneficio do dominio hespanhol n'essas longinquas paragens. Passaram-se dias em festas e tratados. O rei de Zebu convertido ao christianismo, pasmado da grandeza dos visitantes, jurava submissão ao monarcha das Hespanhas e promettia conservar-se eternamente fiel ao seu amigo Magalhães. Mas um ligeiro incidente, irritando a vaidade do portuguez, desfechou em tragedia sanguinolenta.

Foi o caso que, tendo Magalhães exigido alguns mantimentos ao rei da ilha de Matam, este recusou-se a mandar-lhos. Então Magalhães resolveu castigar logo a desobediencia do indigena. De nada valeram os conselhos e rogos do alliado de Zebu. Despresando as regras mais elementares da prudencia, mal rompia a manhã do dia 27 de abril, o capitão e a sua gente que, de vespera, tinham embarcado em lanchas para se approximarem de Matam, investiram com os inimigos postados na praia. Os escolhos da costa obrigaram os cincoenta da expedição a saltar á agua que lhes dava pela cintura. Tambem os indios, em numero de tres mil, se metteram pelo mar dentro. Apoz um combate de cerca de uma hora, tão desegual pelo numero, os indigenas, comprehendendo a invulnerabilidade das couraças, dirigiram as

setas sobre as pernas desprotegidas dos combatentes. O pequeno troço teve de retirar praticando prodigios. Por ultimo, Magalhães, ferido n'um braço e nos joelhos, cahiu sobre a agua. A onda dos indios precipitou-se para esse logar e a isso deveram a salvação os restantes combatentes, que puderam effectuar a retirada para as lanchas. Assim morreu o heroe, «voltando-se muitas vezes para os seus a ver se o podiam salvar».

A morte de Magalhães transformou immediatamente os sentimentos do rei de Zebu para com a esquadrilha. Insidioso e perfido como todos os selvagens, convidou as guarnições a assistirem a um grande banquete. Quando os apanhou descuidados, deu o signal combinado e então foram trucidados desapiedadamente vinte e seis homens, entre os quaes os novos capitães da armada, Barbosa e Serrano.

Tão grande foi o espanto dos sobreviventes que logo fugiram com o rumo de Bohol, tendo eleito ao piloto João Carvalho para commandante da esquadrilha.

Vendo a tripulação reduzida por tantos desastres e reconhecendo-a insufficiente para guarnecer os tres navios, resolveram queimar a *Conceição*. A 8 de julho chegaram a Borneo e a 6 de novembro ás Molucas. Ao sahirem de Borneo tiraram o commando a Carvalho e de-

ram a *Trindade* a Gonçalo de Espinosa e a *Victoria* a Sebastião de Elcano. O primeiro d'estes navios, depois de vaguear pelas ilhas do Pacifico, veiu naufragar nas Molucas. A *Victoria* seguiu o caminho da India e fundeou emfim, a 6 de setembro de 1522, no mesmo porto d'onde tinha sahido, em S. Lucar de Barrameda.

*
* *

Acabava d'esta maneira a grande viagem, a ultima em que o genio portuguez, adivinhando os segredos do Planeta, tinha affirmado a capacidade de vencer as difficuldades oppostas pela resistencia das coisas e pela hostilidade dos homens.

Durara um seculo a cruzada contra o desconhecido. Desde Gil Eannes a Fernão de Magalhães foi uma serie ininterrupta de surprezas para o mundo antigo que, assombrado, via dilatarem-se os horizontes da sua actividade e alargar-se o ambito da curiosidade humana.

Seculo de heroes foi esse, fecundo como nenhum outro, porque, libertando a sciencia da oppressão dos mythos e da esterilidade dos conceitos metaphysicos, a fez enveredar pela estrada segura dos conhecimentos positivos.

O grande seculo das descobertas lançou os fundamentos de todos os ramos do saber humano.

A geographia, a linguistica, a ethnographia, o desvendar dos mysterios da natureza, a sciencia do mar e do céu, a revelação dos contrastes entre o mundo que descobriu e o mundo que ia sendo descoberto, a moral, a sociologia, nasceram verdadeiramente dos descobrimentos geographicos dos seculos XV e XVI. Por isso lhe chamamos epopeia, e de tanta magnitude que nunca os homens realisaram outra igual.

Alexandre abriu o caminho da Asia, Cesar penetrou nas brenhas cerradas da Germania, Napoleão espalhou pela Europa inteira, na ponta das bayonetas dos seus exercitos, os immortaes principios da liberdade moderna. Mas os nossos antepassados, maiores que os semi-deuses da Fabula e que os conquistadores da Historia, varreram superstições, desfizeram lendas, descobriram terras, fundaram imperios, subjugaram povos, firmaram o seu dominio nos extremos limites da Terra e prepararam os esplendores da civilisação actual.

Que nos resta da passada grandeza, a nós outros, descendentes abastardados da raça heroica? Restam uns pedaços de territorios ultramarinos, dispersos na immensidade de diversos mares, conservados pelo favor de uma nação

amiga, e talvez anciosos por se desprenderem dos tenues laços que ainda os ligam á mãe patria.

A nau portugueza, ronceira e cançada de tão dilatadas viagens, voga hoje sem rumo, á mercê dos ventos e das correntes incertas dos destinos futuros.

Irá abordar a um porto de esperança onde possa concertar as grossas avarias, ou terá de se afundar, em breve, no Mar Tenebroso das gerações extinctas?

Conclusão

Quando atraz dissemos que a viagem de Fernão de Magalhães tinha sido a derradeira manifestação do genio portuguez applicado á descoberta dos caminhos da Terra, não quizemos traduzir o pensamento de que a actividade dos nossos descobridores cessara por completo. Muito menos o de suppor encerrado o cyclo das explorações geographicas. A aventura do nosso compatriota abria apenas com um rasgo de heroismo incomparavel, alliado á firmeza da fé que sustentara Colombo, as insondadas paragens do grande Oceano e acabava de modificar, por uma demonstração palpavel da esphericidade terrestre e da existencia dos antipodas, os antigos erros geographicos. O seu grande valor consiste n'isso. Desde então, o homem concebeu a possibilidade de, á força de persistencia, esquadrinhar as regiões mais reconditas do Globo. Por isso, as explorações avançam para o interior dos continentes, alar-

gam-se pela amplitude dos mares, e, como era forçoso conhecer as extremidades da Terra, nem as proprias regiões polares escaparam á curiosidade dos investigadores. Em todo esse trabalho, não concluido ainda, o nome portuguez appareceu sempre aureolado com um fulgor de gloria nunca excedida pela gloria de extranhos.

Já dissemos que a actividade nautica promovida pela descoberta da America se manifestara logo pela tentativa infeliz de Côrte Real procurando abrir uma passagem atravez dos gelos do Oceano Arctico. Antes da viagem de Magalhães, as nossas armadas tinham reconhecido as costas de Siam, de Tonkim e do Sul da China; e, depois d'ella, foi preciso o decurso de meio seculo para que, em 1577, o inglez Francis Drake, movido de implacavel odio contra a Hespanha, effectuasse a segunda viagem de circumnavegação. Em 1526, Jorge de Menezes descobre a terra dos Papous ou Nova Guiné.

Em 1542, Antonio da Mota, navegando no Mar da China, é arrastado pelos ventos e arrojado sobre a costa do Japão. Esta descoberta foi seguida da enviatura de missionarios, porque a energia da raça peninsular, paradoxal nas suas reacções externas, simultaneamente mystica e realista, tanto se empenhava na lucta

pela posse dos bens da Terra, como na conquista ideal das almas para o Céo. No mesmo momento em que Affonso de Albuquerque fundava o seu imperio colossal e calava o alarido das gentes insubmissas do Oriente com a voz poderosa dos canhões das suas armadas, tambem S. Francisco Xavier construia o imperio de Deus e dominava as revoltas da duvida na consciencia d'esses povos com o doce murmurio da sua voz de apostolo, promettedora da eterna felicidade na vida ultra-tumular.

Segue-se a odysseia de Fernão Mendes Pinto. Durante vinte annos, desde 1539 a 1558, as suas peregrinações pelos mares orientaes, as alternativas por que passou, umas vezes pirata, outras escravo de piratas, embaixador e servo, puzeram-no em contacto com variadas raças e diversas terras, inspirando-lhe um documento geographico de alto valor sob o ponto de vista da ethnographia.

No final do seculo XVI é ainda o portuguez Godinho de Eredia que descobre o continente da Australia.

No seculo XVII, continua o proselytismo religioso dos nossos missionarios. As missões da Abyssinia e da Ethiopia suggerem ao P.e Balthazar Telles a sua «Historia Geral da Ethiopia», repositorio interessante das noticias geographicas sobre o norte de Africa, colhidas de

varias relações redigidas por outros missionarios da Companhia de Jesus. Ao mesmo tempo progride a exploração portugueza do interior do Brazil, motivada pelas luctas contra os hollandezes, pela febre da procura de oiro e ainda pelas missões jesuitas.

Com o seculo XVIII é que principia a nossa decadencia geographica. Esse é o seculo de transição entre as actuaes viagens de exploração scientifica e as antigas expedições, para as quaes só era necessario ter fé e rasgos de heroismo. Começa agora o derruir das crenças pelos rudes ataques da nova philosophia contra todas as tyrannias. As doutrinas dos encyclopedistas, o riso terrivel de Voltaire, os escriptos de Rousseau, transformam profundamente a constituição mental da França e preparam o maior acontecimento politico dos tempos contemporaneos. O grande movimento é transmittido a toda a Europa occidental e, ao passo que os thronos vacillam e o sentimento religioso enfraquece, desenvolvem-se na alma moderna os germens do utilitarismo pratico. A sciencia, a arte e a industria obedecem ao intuito de procurar á humanidade a maior somma de goso material. Abre-se d'este modo o periodo dos conflictos do commercio e das luctas industriaes. As nações e os governos, acompanhando a evolução da sociedade, procuram assimilar

em proveito proprio uma porção cada vez maior de territorios longinquos onde possam colher materias primas, explorar productos exoticos e collocar, por troca, os valores resultantes da sua actividade industrial. D'ahi, a concorrencia armada revelando-se nas guerras coloniaes e a concorrencia pacifica manifestada nas rivalidades do commercio.

Neste verdadeiro combate internacional a que chamam a forma civilisada da lucta pela existencia, vencem, como sempre, os mais fortes e os mais capazes. Emquanto bastou para dominar o mundo a força interna que tinha as suas raizes no gosto cavalheiresco das aventuras, no enthusiasmo exaltado da crença e no amor absorvente da gloria alcançada por valorosos feitos, pertenceu a primazia ás raças latinas. Perdidos esses estimulos, ficaram as qualidades praticas dos povos germanicos. A persistencia, a iniciativa, a paciencia inexgotavel, a applicação constante do trabalho obscuro de gerações successivas á realisação d'um fim determinado, fizeram das raças do norte as vencedoras do concurso aberto perante as nações pelas exigencias do progresso. A Hollanda conquistou ao mar o solo fecundo das suas campinas verdejantes; a Suissa transformou os cumes gelados dos Alpes inacessiveis em centros aprazíveis de reunião annual para os favorecidos do

dinheiro; a Inglaterra apoderou-se do imperio dos oceanos e construiu o seu gigantesco dominio colonial; e a Allemanha, a joven Allemanha, nascida ha trinta annos apenas, á face do mundo politico, tomou o exemplo feliz da Inglaterra, e, tentando inundar a Europa com a sua lingua, os seus livros e os seus artefactos, anceia por substituir as suas rivaes no commercio universal. Em seguimento d'estas, ha-de preponderar no futuro a acção de outras poderosas nacionalidades. O panslavismo ameaça subverter a Eurasia, dilatando-se do Atlantico ao Pacifico, e a doutrina de Monroe esforça-se por cortar as ligações politicas existentes entre a Europa e o Novo Mundo. E depois virá talvez ainda o *perigo amarello*, a torrente impetuosa d'essas centenas de milhões de homens, até agora immobilisados em civilisações que pareciam improgressivas. Surgirão novos conflictos, ferir-se-hão novos combates, alastrarão novas invasões.

Como poderemos nós outros, pobres meridionaes, apathicos e sonhadores, indolentes pela raça e pelos effeitos dissolventes do clima, luctar com vantagem contra essas formidaveis potencias absorventes? Extincta a fé d'outros tempos, abandonamos o primeiro logar na marcha dos povos. Hoje somos a multidão anonyma e parasita que acompanha a cauda dos exercitos

vencedores. A Hespanha, a nação nossa irmã por tantos titulos e emula condigna de passadas glorias, teve de renunciar aos ultimos vestigios do seu vasto dominio ultramarino. E nós, e a Hespanha e a Italia, e quem sabe se tambem a França, fomos todas publicamente incluidas por um notavel estadista da Inglaterra, em o numero das nações moribundas.

Póde ser que falhem as previsões dos politicos. Póde ser que um milagre de energia nos desperte d'este somno lethargico precursor de morte proxima. Entretanto a humanidade proseguirá na conquista do futuro; e quando tiver attingido o estado ideal em que o direito deixe de estar escripto nos codigos dos governos por se encontrar gravado no coração dos povos, quando os raros momentos da paz universal se tornarem o estado permanente das sociedades cultas, então, nos registos solemnes da Historia, ficará eternamente gravada a lembrança do pequeno povo que, d'um canto obscuro da Europa, derramou a luz da civilisação sobre a face da Terra e mais contribuiu para o bem estar moral e material das gerações vindouras.

INDICE

Capitulo I — Os conhecimentos geographicos dos povos antigos 5

Capitulo II — A primitiva geographia medieval dos padres da Igreja — Influencia dos Arabes, dos Normandos e das Cruzadas nos progressos da geographia 15

Capitulo III — A descoberta da Asia — Marco Pólo — Os geographos do seculo XIV 29

Capitulo IV — O infante D. Henrique 41

Capitulo V — O caminho da India 61

Capitulo VI — Fernão de Magalhães 83

Conclusão 107

ERRATA

Pagina	Linha	Erros	Emendas
—	—	—	—
7	27	utilatario	utilitario
19	27	innarravel	inenarravel
20	11	encarando	encarnando
36	3	do	a corrente do

RÓMULO
CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA
1329754837